

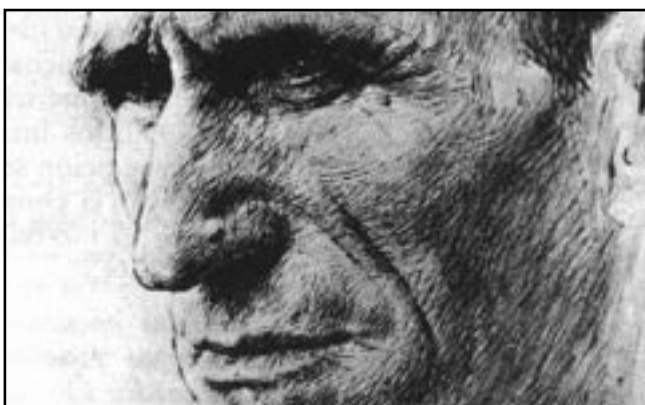
I Tirada

Agosto - 2004

ARRAIANOS

ARRAIANOS

Número 1 | Agosto 2004 | Prezo 2 euros



- 2** Limiar
- 4** Do Castro Laboreiro ao Castro Laboreiro (A raia escrita)
- 10** Onde o mundo se chama poesía
- 17** Censura no Instituto de Celanova
- 20** II Volta ás nacións arraianas en 124
- 24** Historia de Mot
- 26** Coelióbriga
- 28** A Tábula de Castromao
- 31** Micro corre latos
- 33** Humor tecno-rural
- 34** Psicomaxia
- 36** Fotografía para cegos
- 41** Fotografía para xordos
- 42** Menu-do-día arraiano

REVISTA ARRAIANOS

Edición: Asociación Arraianos

Coordinador: Aser Álvarez

Composición: eMotive

Impresión y fotomecánica: Imprenta Celanova



S

o

M

o

2

A

R

R

A

I

A

Z

o

S

Cidadanía

A forza do lobo é a manada. A forza da manada é o lobo. *Proverbio Arraiano*

Alemana Hannah Arendt, unha das mentes máis extraordinarias do pasado século XX, fala nun dos seus ensaios da característica esencial do concepto de cidadanía. Esta descansa, máis que na posibilidade de expresar as nosas opinións ceibemente, no dereito a que éstas sexan escoitadas polos nosos concidadáns, coa predisposición destes a ser incorporadas ao seu pensamento e dándolle a mesma importancia que ás súas propias. Nada máis lonxe da nosa realidade política.

Con este espírito nace esta revista, pretendendo ser a voz dos que compoñemos o novo movemento arraiano e coa necesidade de sermos escoitados polos nosos veciños e de escoitar e debatirmos todo aquilo que queirades dicirnos.

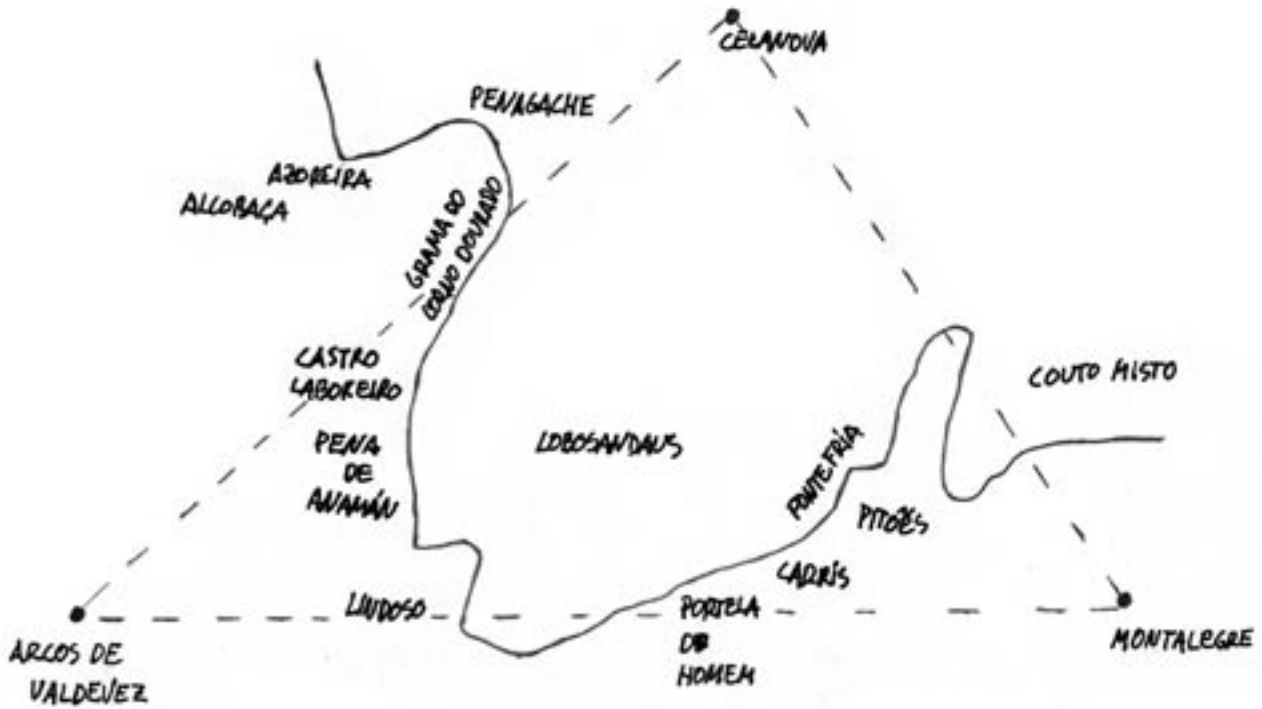
Esperamos que os contidos da publicación sexan do voso agrado, xa que neste obxectivo puxemos “cuase” todo o noso esforzo e ilusión.

Dende a Colectivo Arraianos queremos agradecer aos colaboradores, aos establecementos comerciais patrocinadores e a todos os que dalgún xeito fixeron posible este Primeiro Número da “Revista Arraianos”, o voso apoio e confianza. Sen vós, amados lectores e futuros arraianos, este proxecto tería ficado na caixa sen fondo das historias que puideron ser e nunca foron.

A todos, o noso recoñecemento e a nosa permanencia.

Asociación Arraianos

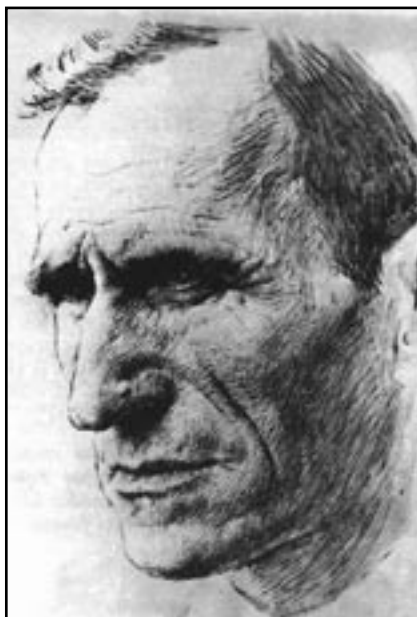
Limiar



RAIA, É DICER, CONFÍN OU LÍMITE DUNHA NACIÓN, PROVINCIA, REXIÓN OU DISTRITO, SE SE QUER LIÑA OU EXTENSIÓN CONSIDERADA NA SÚA DIMENSIÓN LONXITUDINAL. CONFORME. MAIS HAI OUTRA RAIA ALÉN DA XEOGRAFÍA POLÍTICA E DA XEOMETRÍA EUCLIDIANA. É A RAIA DOS PENEDOS E DAS URCS; A DOS PASTORES, GUERRILLEIROS, CONTRABANDISTAS E FUXIDOS DE TODA CONDICIÓN. A QUE AGORA NOS INTERESA. ÍMOLA PROCURAR NA OBRA DE DOUS ESCRITORES, UN DE CADA LADO DELA, **MIGUEL TORGA** E **MÉNDEZ FERRÍN**.

Do Castro Laboreiro ao Castro Laboreiro

(A raia escrita)



MIGUEL TORGA

Adolfo Correia da Rocha, conhecido como poeta e prosador pelo pseudónimo de Miguel Torga (torga: urce, raíz de urce), nasceu o 12 de agosto de 1907 na freguesia de San Martiño de Anta, concello de Sabrosa, distrito de Vila Real, Trás-os-Montes. Depois de ter emigrado ao Brasil, estudou medicina na faculdade de Coimbra e publicou os seus primeiros livros. No ano 39 abriu consultório médico nesa cidade. Adicou a maior parte da vida ao exercício da medicina e á creación literaria, editando el mesmo as súas obras. Morreu o 17 de xaneiro de 1995 e foi enterrado no camposanto da aldea natal. Deixou grande monte de papeis, entre os que destacan *O outro libro de Job*, *Orfeu rebelde*, *Poemas ibéricos*, *A criação do mundo*, *Bichos*, *Contos da montanha*, e maiormente un vastísimo *Diário* en dezaseis volumes (de xaneiro do 32 até decembro do 93).

A peza que seleccionamos eiquí é o treito final do capítulo *Minho* do seu libro *Portugal*, unha obra publicada por primeira vez no ano 1950. Enfastiado coa presenza continua do verde bovino no país baixo-miñoto (*O vinho é verde, o caldo é verde...*), Torga tira de Melgaço cara ao Castro Laboreiro e isto é o que ve.

Desanimado, meti para Castro Laboreiro à procura dum Minho com menos milho, menos couves, menos erva, menos videiras de enforcado e mais meu. Um Minho que o não fosse, afinal.

Encontrei-o logo dois passos adiante, severo, de curcelo e carapuça. A relva dera finalmente lugar à terra nua que, parda como o burel, tinha ossos e chagas. O colmo de centeio, curtido pelos nevões, perdera o riso alvar das malhadas. Identificara-se com o panorama humano, e cobria pudicamente a dor do frio e da fome. Um rebanho de ovelhas silenciosas retouçava as pedras da fortaleza desmantelada. E uma velha muito velha, desmemoriada como uma coruja das catacumbas, vigiava a porta do baluarte, a fiar o tempo. Era a pré-história ao natural, à espera da neta.

*Ó castrejinha do monte,
Que deitas no teu cabelo?
Deito-lhe água da fonte
E rama de tormentelo.*

Bonita, esbofeteada do frio, a cachopa vinha à frente dum carro de bois carregado de canhotas. Preparava a casa de inverno para quando chegasse a hora da transumância e toda a família —pais, irmãos, gados, pulgas e percevejos— descesse dos cortelhos da montanha para os cortelhos do vale, abrigados das neves.

– *Conhece esta cantiga?*

– *Áhn?*

Falava uma língua estranha, alheia ao Diário de Noticias, mas próxima do Livro de Linhagens do Conde de Barcelos.

– *É legitimo este cão?*

– *É cadela.*

Negro, mal encarado, o bicho, olhou-me por baixo, a ver se eu insistia na ofensa. O matriarcado teimava ainda...

– *A Peneda?*

A moça apontou a vara. E, como ao gesto de um prestidigitador, foram-se desvendando a meus olhos mistérios sucessivos. Todo o grande maciço de pedra se abriu como uma rosa. A Peneda, o Suajo e o Lindoso. Um nunca mais acabar de espinhaços e de abismos, de encostas e planaltos. Um mundo de primária beleza, de inviolada intimidade, que ora fugia esquivo pelas brenhas, tímido e secreto, ora sorria dum postigo, acolhedor e fraterno.

Quando dei conta, estava no topo da Serra Amarela a merendar com a solidão. Tinham desaparecido de vez as cangas lavradas e coloridas que ofendiam as molhelhas do suor verdadeiro. A zanguizarra dos pandeiros festivos e as lágrimas dos foguetes já não encandeavam a lucidez dos sentidos. Os aventais de chita garrida davam lugar aos de estopa encardida. Nem contratos pré-nupciais ardilosos, nem torres feudais, nem rebanhos de homens pequeninos, dóceis, a cantar o Avé atrás do cura da freguesia. Pisava, realmente, a alta e livre terra dos pastores, dos contrabandistas e das urzes. As pernas de granito dum velho fojo abriam-se num grande V,

como as dum gigante no sono da sesta. E saltou-me vivo à lembrança o instantâneo de Joaquim Vicente Araújo, quando no seu Diário Filosófico da Viagem ao Gerês fala duma batida aos lobos, que presenciou, e em que toda a população masculina do lugar colaborara: «Era cousa de ver a má catadura duns e a presteza de todos, que descalços, outros de socos, armados desciam pelas fragas». Sem a coragem dos avós, agora os habitantes comunitários de Vilarinho da Furna atacavam as alcateias a estricnina e caçavam corças furtivamente. Mas mesmo assim não faziam má figura ao lado do rio Homem, que, talvez a querer justificar um nome que a etimologia lhe nega, parecia um lavrador numa leira de pedras, tenaz em todo o percurso, e sempre límpido, a espelhar o céu. Na margem de lá, o Pé do Cabril, solene, esperava a abraço duma ascensão. E coma a desafiar aquela pétrea majestade, arrogante e lustroso, o toira do lugar roncou de uma chã. Símbolo tangível da virilidade e da fecundação, nenhum outro deus, ali, tinha forças para o destonar. Plenitude encarnada do instinto natural de preservação da seiva capaz de se multiplicar em cada acto de amor, era ele o pólo de todos os cultos cultos e desvelos. Rei já no tempo das casarotas megalíticas que me rodeavam, continuava a sê-lo ainda no presente por exigência e graça da própria vida.

Atravessada a ponte em corcova, galgados os muros ciclópicos da Calcedónia, numa erudição feita à custa dos pés, e guiado pelos miliários imperiais, segui a geira romana até chegar à Portela do Homem, onde as legiões invasoras pareciam aquarteladas. Mas foi a guarda fiscal, vigilante, que me recebeu.

A uma sombra tutelar, pouco depois, num minuto de descanso, a História recente da Pátria avivou-se.

- Uma das incursões monárquicas foi por aqui...
- Tentaram... Tentaram...
- Este Minho! Este Minho!...
- Tem uma costela talassa, tem...

Mas recusei-me a reintegrar, por simples razões partidárias, aquelas viris penedias no planisfério verdurengo de onde a própria natureza as libertara. Tranquei as portas da memória e, pela margem do rio, subi aos Carris. Uma multidão minava as fragas à procura de volfrâmio, por conta da guerra e de quem a fazia. Teixos e carvalhos centenários acompanharam-me quase todo o caminho. Só desistiram quando me aproximei do cume da montanha, onde a vida, já sem raízes, tenta levantar voo.

Agora, sim! Agora podia, em perfeita paz de espírito, estender a minha ternura lusíada por toda a portuguesa Galiza percorrida. Pano de fundo, o mar de terras baixas era apenas um cenário esfumado; à boca do palco reflectiam-se nas várias albufeiras do Cávado a redonda pureza da Cabreira e a beleza sem par do Gerês. E o espectador emotivo já não tinha necessidade de brigar com o cavador instintivo que havia também dentro de mim. Embora através da magia agreste dos relevos, talvez por contraste, impunha-se-me com outra significação a abundância dos canastros, o optimismo dos semeadores e a própria embriaguez que anesthesiava cada acto, no fundo necessária à saúde dos corpos individuais e colectivos. Integrava o alegrete perpétuo no meu caleidoscópio telúrico. Bem vistas as coisas, se ele não existisse faria falta no arranjo final do ramalhete corográfico português.

Em acção de graças por esta conclusão pacificadora, rezei orações pagãs no Altar de Cabrões, antes de subir à Nevosa e aos Cornos da Fonte Fria a experimentar como se tremem maleitas em pleno Agosto.

Estava exausto, mas o corpo recusava-se a parar. Pitões acenava-me lá longe, de tectos colmados e de chancas ferradas. Não obstante pisar o mais belo pedaço de chão pátrio, queria repousar em terra real e consubstancialmente minha. Ansiava por estender os ossos nos tomentos de Barroso, onde, apesar de tudo, era mais seguro adormecer. Quem me garantia a mim que, mesmo alcandorado nos carrapitos doirados da Borrajeira, não voltaria a ter pela noite fora um pesadelo verde?



XOSÉ LUIS MÉNDEZ FERRÍN

Natural de Vilanova dos Infantes, Méndez Ferrín (1938) é doutor en filoloxía, catedrático de literatura no Instituto Santa Irene de Vigo e director da revista *A trabe de Ouro*. Milita na FPG e na CUT. Ten escrito ensaio (*De Pondal a Novoneyra*), relatos (*Percival e outras historias, O crepúsculo e as formigas, Elipsis e outras sombras, Crónica de nós, Amor de Artur*), novelas (*Retorno a Tagen Ata, Arnoia, Arnoia, Bretaña, esmeraldina, No ventre do silencio*) e poesía (*Con pólvora e magnolias, Poesía enteira de Heriberto Bens, O fin dun canto, Estirpe*).

Nun momento da súa vida que eu non sabería determinar, Ferrín decide traspasar as augas moles —mais negras como a cervexa Guinness, coidado!— do Arnoia, rumbo sul, para acometer a outa e perigosa materia da Raia. Froito desa brava andadura é o libro de relatos *Arraianos* (1991), obra maior por mesturar sabiamente o amor e o coñecemento do que aínda hai coa saudade do que houbo e do que debería haber, e acaso do que haberá. Velái unhas mostras.

Sito na caeira da chamada Serra Grande, Lobosandaus é un núcleo de poboación de cen veciños que me produciu unha forte impresión. Silencioso, O sol oblícuo deste remate de verao dálle un carácter mediterráneo, seco, lúcido. O seu campo da feira é unha devesa de carballos varias veces centenarios: aséntase sobre un socalco e faille contorno unha grade de fundición con dous floróns fabricados por Malingre, imitantes dos da Alameda de Ourense, o que resulta un excelente belvedere sobre as chairas nas que ondula o río mínimo que alí se chama Das Gándaras e que nas cartas xeográficas reza como Lucenza por pasar no seu curso alto pola freguesía de tal nome. Da outra banda daquel espazo de carqueixas e de mato cativo, en cuxas ondulacións os dolmens non son raros, érguese un murallón escuro coroado de agullas de formas caprichosas, coma estrañas esculturas semellantes a fantasmáticas tuberías de órgao. É a Serra, contraria á chamada Grande, dita do Crasto. Nos seus máis altos cotos están chantados os marcos de Portugal. Agora mesmo, mentres lle escribo esta carta, momentos antes de me ir persoar na escola para face-lo acto da miña posesión, estou a ver desde o meu cuarto tan sobrecolledora extensión de baldíos, na que pacen as vacadas destas xentes pastoras e na que os albares producen o mel claro e pesado que lle ten dado merecida sona ao concello de Nigueiroá.

(*Lobosandaus*)

Apreto as pálpebras e vexa todo verde, no fondo dos ollos. Vexo o liño da miña mocidade, nos liñares da Assoreira e Alcobaza. As mulleres afogaron un meniño con cornos nas pozas de Urdilde; pilláronno polo pelo e empazáronlle a cabezoliña, dixérame N. rompendo a chorar baixo a fiestra da sala nova, que dá ao patio e nun de cuxos parladoiros estaba eu sentada. ¿Como?, pregunteille atónita. ¡N. era tan querido, tan idiota! Por veces esquencia que el tiña a cabeza poboada de estronicios e obxectos ferintes, cando non de ramallos arrepiantes ou de simples flores ventureiras. ¡Afogaron, Misia, afogaron! —insistíame N. Insistía aquel home de trinta anos coma trinta pesetas de prata; lavado, fazulas rosa, pelo loiro caído en bucles, boca encarnada. Mol, coma o Neno Xesús de Praga que viste saias de brocado dentro do fanal da sala vella. A miúdo el non camiñaba, senón que máis ben trotaba dunha punta á outra das aldeas xémeas de Alcobaza e a Assoreira e dunha estrema a outra da bisbarra, con andadura propia dun cadelo. N. era meu amigo. Aínda que, na realidade, meniño ningún fora afogado e non era máis que escomenzaran os traballos da colleita e preparación do liño. As mulleres invadiran as leiras arrincando as plantas, os homes riparan nelas e aló baixaran todos ás pozas de Urdilde, que son a corga de Lucenza antes de anhear e enchoupar a terra má de Grama de Corno Dourado. Dourado, si, o cabelo de N. Do outro lado da raia, quero decer no outro cabo da canella, está a Assoreira, que xa é de Portugal.

(*Liño*)

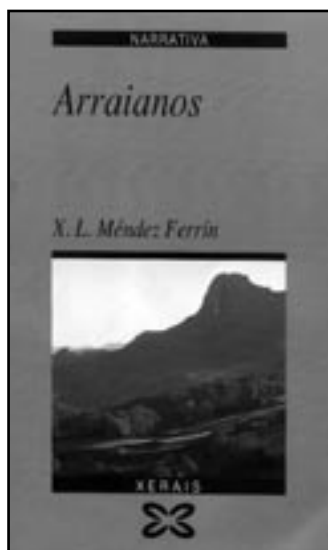
O día 6 de agosto erguinme moi cedo para facer a romería da Nosa Señora da Peneda, camiñando a través das poulas, das gramas, da gándaras; polos cotos onde pacen, ceibas, as vacas piscas. Ía eu na compañía dos meus pais e mais duns cantos da mina aldea de Casardeita, incluído o abade, aos que, axiña, se xuntaron outros camiñantes de Leirado que levaban a mesma rota. Estabamos moi ledos todos nós. Eu gozaba aquelas vacacións escolares coma nunca gozara outras. Chegados ao santuario, após de longas horas de duro andar, instalámonos nunhas leiriñas de aló para pasarmos o día e sentirles cantar o vira ás voces delgadas da raia, que parece que se che espetan na alma. A mamai fora ás misas e o papai presentoume dous señores. Un era baixote, de barbicha arroxada, carecas, que vestía uniforme e resultou ser o Capitán Costa Beirão, da escuadra da Garda Fiscal de Melgaço. O outro, máis mozo, ollos claros e prominentes, alto e de bigode raro, chamábase João de Sousa Mendes; foime fulminantemente simpático e puxémonos a ligar unha improvisada conversa sobre o saudosismo. Desempeñaba, este segundo señor, as funcións de profesor de Primaria en Castro Laboreiro. Pois ben, cando Sousa Mendes se inclinaba para deixar no riacho a folla de bacallau de mollo para o xantar, mentres asobiaba ledamente a Marcha Turca de Mozart, foi agredido por un animal enorme. Un can negro coma o demo que o trabou na gorxa e o deixou morto instantáneo sen que ningún dos presentes fose capaz de lle facer separar as queixadas. Só se detivo o bruto, que era da raza enxebre daquelas serras, cando o Capitán o abateu a tiros da súa arma regulamentar. Pouco antes do ataque e de tan terríbel morte, o infortunado Profesor, ledamente sorprendido polas miñas afeccións literarias, tan excepcionais ou escasas nos países da raia, entregárame, cun sorriso tímido que lle suliñaba a pouca espesura do bigote, un manuscrito narrativo intitulado O castelo das poulas, que tirou ao efecto dun peto do seu casaco. Comprobei, na altura, que o Profesor ía moi perfumado. Tales papeis son os que reproducín anteriormente de modo literal, aínda que lixeiramente modificado o texto pola transcripción galega. Con todo, conservo, malenconicamente, o orixinal en portugués por se algún espírito cursidoso quixese contrastar. Escuso decer que o luctuoso feito diu moito que falar no estraño triángulo cuxos vértices se sitúan en Celanova, Montalegre e os Arcos de Valdevez.

(Castelo)

A Besta era do grandor da Montaña de Penagache, que está na fin das poulas, na fin da Chaira de Amoroce, na fin do deserto de urce. A Besta vasoirou co seu rabo as poulas do mundo, e as gándaras, e os valdíos, e ergueu unha poeira de lume. Levantou as estrelas que caíran no chao e devolveunas ao sitio que lle pertencía a cada unha na abóveda celestial. A Besta tiña sete cabezas. Mumadona e Adosinda sentiron que as súas facianas desaparecían, coma cando un libro desenrolado é enrolado de novo para ocupar o seu sitio correspondente na biblioteca ou no arquivo. Luisa Armesto pensaba con tristura infinda na súa propia vida coma nun pergameu lido e arquivado. Eu, Adosinda vin. Que a Besta tiña sete diademas e unha ducia de cornos en cada testa, tan compridos estes cornos que fixeron esmacelar de vergoña e de ciumes as vacalouras, as cales morreron unha por unha mentres entoaban cántigas de saudade e penitencia. A Besta gastaba un brial de seda azul, con blasfemias brosladas en letras gregas, en letras caldeas e en letras armenias. A Besta era un leopardo de sete cabezas, un urso de sete cabezas e un olifante de sete cabezas. A Besta era coma un estrépito, coma un ouveo, coma un solpor, coma completamente nada de incenso e safumeiro. Eu, Adosinda, vin a primeira cabeza e era a cabeza de cabelo branco de Ónega, a filla de Mumadona, e a Besta chamábase agora Ónega. Vin despois que a segunda cabeza era a cabeza, negra de betume de Xudea, da grazosa Oureana, escrava moura que me serve a min, e a Besta chamábase agora Oureana. De contado eu poiden recoñecer a cara sorridente de mimadre Ilduara na terceira cabeza da Besta, que se chama xa por iso Besta Ilduara. Cando a ollei de novo, á Besta, despois de fechar un intre os meus ollos por descanso e alivio de tanto ver como eu vía, a súa cuarta cabeza era a de Sarrazina a Loira, esposa pecadenta de mermao Froila. E a Besta era chamada por iso Sarrazina. E a Besta era tamén Besta Mumadona e Besta Adosinda porque as nosas cabezas eran agora parte das sete cabezas da Besta que era todas nós outras, as donas da Casa de meu avó. As bocas das mulleres precurábanse incesantes para se beixar con beixos columbinos e lascivos. Entón vin, aínda que eu non tiña ollos, porque os meus ollos eran entón os ollos da Besta. Vin e Mumadona viu deixándose trepar polo meu pé. Iso aínda que Mumadona era tamén a Besta das mulleres malditas de Hermenegildo. Vin que os cascacos do cabalo de El se movían ceibando faíscas, estrondando as caidancas, facendo avalancha dos penedos que se manteñen en difícil equilibrio nos cotos máis altos do mundo. ¿De quen é a sétima face? –inquiriu Mumadona. Vimos que a sétima face non a había e a séti-

ma cabeza era un globo encarnado coma coral. Non tiña face, a cabeza. As bocas pecadentas botábanse ao coral por lle atopar quentores e orificios nos que gozar un deleite. Por iso a Besta aínda non tiña nome e as blasfemias corcosidas con fío de ouro na súa túnica eran soletreadas con espantoso son pola aguia Cirus que proclamaba a Rebelión, desde o alto do Penagache, a todas as nacións e a todas as línguas.

(Adosinda)



O camiño subía entre fragas, ou sexa penas feras, por unha paisaxe que anunciaba os cumiais máis esgrevios da serra. Primeiro foi un cadoiro de luz purísima, no escampar da chuva. No picouto de lonxe recoñecín os altores da Pena de Anamán, sobre os que esgallaba as súas asas, esvarando no ceo, unha parella de aguías. Meu cabalo Garrão ía coma pensatibre, ao paso, coidando de non escorregar na pedra luída do camiño, traballada en carrileiras por mil anos de carro. O Lindoso ficara á dereita coa torre do seu castelo anegrazado invadida de grallas crocitanes. Xa non se vían máis canizos, como lle decimos na raia aos espigueiros, nas aldeas, e estas eran grandes e distantes unhas das outras, todas teiteadas de colmo escuro de humedén.

(Quinta Velha do Arranhão)

Xa de volta ao Castro, un poema pertencente ao libro *Estirpe* (1994).

Despedida ao Crasto Laboreiro

*Eu, que nunca eu dixera, escado os cotos
do Crasto Laboreiro, moumo urces
e dígovos que nada me conmove.
Sinto que a espada está vencida e corva.
Morte que me moceas, non me asustas.
Os corgos seguirán onde adoitaban.
Outros homes virán onde eu vivira.
No Crasto Laboreiro ha haber codesos.
carqueixas e herbas más descontra Gorgua
en canto o mundo siga a se-lo mundo.
O meu dó será lene bris de outono,
e este adeus ás materias e enerxías
en ningures será nunca lembrado.*

ESTO DEMOSTRA QUE DA TERRA EMBRUTECIDA TAMÉN PODE REXURDIR A POESÍA. AINDA QUE NOS NEGUEMOS A RECOÑECELO, SOMOS CEIBES COMO O AR QUE SE NOS METE NOS PULMÓNS. VELAQUÍ UNHA PEQUENA MOSTRA DE LIBERDADE ARRAINA EN PALABRAS. PORQUE SÓ A BELEZA NOS PODE SALVAR DA DESFEITA.

Onde o mundo se chama Poesía

Celanova

*El norte barre los soportales de la plaza,
levanta un remolino de arena y envoltorios
sobre los haces de verdura.*

*Día de cobro mensual, no hay queja del mercado,
a pesar del excedente de hortalizas.
La moneda fresca, recién salida de bancos y colchones,
se ha movido con naturalidad entre los puestos
de castañas y bajo las tablas del pulpo.*

*Pronto sonará la campana del colegio
y vendrán los niños a turbar a esa pareja endomingada
que espera el autobús hacia los arcos, a sotavento,
lejos del alcance de la manguera municipal.*

Santos, 1998

*Era tanta la molicie de los suyos, tan completa
la ruina de su casa, que al difunto
se le hizo insoportable la quietud del cementerio
y emprendió el camino de la aldea
sin recular ante la furia del tráfico rodado
o la codicia del dueño del almacén
donde dejó la dentadura
a cambio de una pala y diverso material
para tapar las grietas del vestíbulo
y expulsar finalmente al bicherío
que anidaba en el reloj.*

Lois Codias

Sorga de camiño

en diálogo coa miña avoa Modesta

turra das palabras coa forza das bestas feridas.

*o medo sorprendíanos furgando
nos armarios da infancia.*

baixan ríos de alcanfor polas gorxas da mudez.

*o tempo era daquela
conciencia dunha voz que non doía,
mazairas grises e escuma de metralla.*

*fende a luz desta tarde
os ollos que aprenderon da néboa destilada nas cañotas
os segredos da cegueira.*

*tras do que escribes
agóchanse as ruínas da vella casa
que respiraba nos veráns
os vapores do sabugo .*

vou cara a desaparición cos ollos incendiados.

*o lume deixa un oco de cinza
en cada verso que roubamos
á posesión do que nos nega a memoria.*

Baldo Ramos

*Las mujeres son de venus.
Los hombres de marte. Yo
soy de Sam Peckimpah.*

Los Muertos

*Se levantaron los muertos y dijeron:
"He aquí que ya no se nos sirve
desayuno. Nos
hayamos
desatendidos y tristes.
Reclamamos mimo.
Reclamamos atención"
Se levantaron los vivos y los
hicieron callar
a palas de tierra húmeda.*

*Me levanto destensado.
La vida es sólo un arañazo;
lo sé de pronto y
luego se me va,
con las tostadas.
Busco esmeraldas en la taza;
salto, buceo, me
ahogo,
Salgo, buceo otra vez,
vuelvo victorioso a la cama:
"Mirad, traje las esmeraldas"
Las mulatas me aclaman.
Las mulatas me arrullan.
Y me aman.*

*Las mujeres interrogan a sus ginecólogos:
¿Tragar semen engorda?
Y los hombres pagan sus buenas monedas
por las futuras tumbas de cemento.
Pero yo me como los chuletones a pares
y estoy reconciliado con
la tierra.
Acógeme, como una madre
entre tus brazos de hierba.*

Haiku nº 69

*Si levantas una piedra, en
su reverso húmedo
te encontrarás la vida verdadera.*

Doutor Boullosa



Arraiano

*Cuando me cosan en la mesa de autopsias recordad
que la frontera es clara, el
hígado lo dejé en España,
el corazón en Portugal.*

Doutor Boullosa

homeless

*son un home
sen casa
non teño lingua onde
dormir o meu sono profundo
non teño palabras onde soñar
a miña vida
durmo
e soño
nun tempo de aluguer
no que as vagas
extravían a memoria*



Un músico duende

Rafa Xaneiro

*Todo é mentira;
 Mentiches abrazada a min, mentres empuxaba entre as túas pernas.
 Sempre soubeches, e non dixeches nada, que as gaivotas querían ser
 corvos, máis non sabías que quixesen ser negras.
 Pódelo negar se queres, pero eu véxoas voar sobre o vertedoiro, onde
 non hai mariñeiros que destripen peixe, buscando qué comer
 e ti nin sequera lles ofreces as sobras da túa cea.
 Só a min me permites a humillación de pedirche a ración,
 sabendo que comería todas as túas sobras
 Pódesme volver mentir e seguir soñando retornos,
 eu xa non agardo máis que o inverno e a revolución das árbores
 que non queren ser esqueletos.*

Xan Codesido

*Neste estado das cousas,
 no que me atopo pedra,
 milenariamente inxerto
 o pensamento do lume,
 o canto das colmeas,
 sinto ese berro da noite
 ese fume sabio
 da morte dos meus.
 Con eles espreito o tempo
 nese cheiro doce a lúa vella.
 Nas laxas tremo,
 no lume agardo
 cando calan as abellas.
 Neste estado
 me atopo pedra,
 na mesma noite.
 Con eles
 O meu aturuxo,
 A sabeduría da morte.*

Anónimo da Vila

I

“Neva en Kansas coa pracidade do crime”.

*“Nunca antes así,
co vento en calma polas Red Hills,
-confesou Rick Harper-
asasinei tan ben”*

*“Xa van cinco polo gume
no sosego das tardes.
Coma a neve maina caendo
Nos boscos, sen desexo ningún”.*

*Era certo.
DETIDO EN GREENBURG
O ASASINO DA FOUCE.*

*Había anos que non viña un inverno
Tan benigno coma aquel.*

II

*Pasa un coche veloz
E rompe a tarde.*

Está amarelo o maínzo.

*Despois un can
Ó fondo ladra.*

III

*Cae a folla,
Reclamada pola terra.
Íspese a árbore.
Ten que ser.*

IV

*Hoxe morreu a mamá.

Herdamos
Unha eira de cen ferrados
Para botar*

V

*E dubidou a luz
Se tornarse cúspide
E caeu
Debruzada enteira
Sobre o pouso
-frouma e mármore-
que o Esquenzo deitou
espida
sen atisbo dos anxos*

Cesar Souto

COMO ME PIDEN PARA EL PRIMER NÚMERO DE ESTA REVISTA QUE RECUERDE LA CENSURA A LA QUE FUI SOMETIDO COMO PROFESOR DE PLASTICA Y VISUAL EN EL CURSO 2000/2001 ASI LO HAGO CON ALGO QUE YA FUE PUBLICADO EL 6 DE AGOSTO DE 2001 Y QUE TIENE PLENA VALIDEZ AUN HOY EN DÍA Y SIEMPRE LA TENDRÁ

Censura no instituto de Celanova

2001: Odisea de José Rivela Rivela

El director del Instituto de enseñanza secundaria de Celanova, Camilo Ogando, todo el equipo directivo y una buena parte de los ignorantes y crueles profesores, han censurado unos dibujos de plástica en 3º y 4º de la enseñanza secundaria obligatoria (15 y 16 años) y el autor del artículo lleva los dibujos censurados a casa de Fernando Arrabal a París y allí coincide con Darío Fo, Umberto Eco, Jean Baudrillard, Jack Vanarsky... y todos coinciden en pedir la dimisión del equipo directivo.

Intelectuales como Cela, Fo, Eco o Baudrillard son nombrados sátrapas en la casa de Fernando Arrabal en París. Los homenajeados animaron a los alumnos de Celanova a seguir los pasos de Picasso y exigen la dimisión del equipo censor. Últimamente y con motivo de un acto en su casa de París para nombrar sátrapas del Colegio de Patafísica a Darío Fo, Umberto Eco, Jean Baudrillard y Camilo José Cela, Fernando Arrabal me invita al acto. Le llevo unos dibujos de Don Chiflado (José Manuel Vázquez Ribada, el gran pintor de Os Peares) y les hago entrega a los nuevos sátrapas de los dibujos. (Camilo José Cela no pudo asistir y Arrabal me dijo que se lo entregaría a él personalmente en otra ocasión). Quedan sorprendidos todos de la calidad de este pintor. Se comportaron con genio y trascendente modestia. A una actriz patafísica el Premio Nobel se le presentó así: "Soy Darío Fo, comediante."

Arrabal (recién operado) permaneció en la ceremonia tan solo una hora "assis" pero no en el sentido que daba a esta palabra Rimbaud. El Colegio había cambiado la disposición del piso (pero sin tocar a lo esencial: Un cuadro de Don Chiflado "Adán y Eva" presidió la ceremonia). Todos bebimos y comimos patafísicamente (en honor a Arrabal nadie fumó) hasta las dos de la madrugada mientras Fernando encamado (a cincuenta metros, en el fondo del piso) intentaba descifrar el cuadro que le regaló Fo (tres parejas desnudas de pie, ¿copulando?, ¿o rezando?, ¿o bailando?) entre sueños visionarios.

Al día siguiente, Jack Vanarsky, Thieri Foulc, Darío Fo, Umberto Eco, Jean Baudrillard, Luce Moreau (la Dulcinea de Arrabal), Isabel Echarri y Lelia Arrabal me llevan a ver la exposición de "Picasso erótico" en el Jeu de Paume. Alberga 335 obras llenas de rabos, vergas, falos, vaginas, vulvas y una larga galería de perso-



Terrorismo visual perpetrado por un auténtico ejemplar de bala metrosexual del IES de Celanova

LOS DIBUJOS QUE NO QUERÍAN SER VISTOS

Un día claro llegué al IES de Celanova. Por los pasillos del instituto los estudiantes hacían corrillos y comentarios. Unos eran desagradables y otros más gratos, todos eran sobre la exposición que pretendía hacer un profesor de dibujo algo pintas, que por entonces yo no conocía, y que se llama Pepe Rivela and Rivela. En la exposición se iban a exhibir los dibujos que los alumnos del curso anterior habían hecho en sus clases. Quizás pueda afirmar que cuando fui su alumno, el profesor no se paraba mucho en gamas cromáticas, axonometrías o volúmenes de cuerpos geométricos (decía que esas cosas las aprenderíamos sobre la marcha); pero sí que aprendimos y disfrutamos de réplicas de dibujos que habían hecho famosos pintores de otras épocas y de distintos movimientos del arte español y mundial: Realismo, Impresionismo, Dadaísmo, Surrealismo, Cubismo...

Y los dibujos que finalmente fueron exhibidos en la sala de exposiciones municipal eran copias pintadas sobre un papel en blanco o dibujos imaginarios que estaban en la mente de esos alum@s, que traspasaron el cerebro y llegaron a posarse sobre el papel. Ésto fue lo que se intentó censurar. Pero a los inquisidores les salió el tiro por la culata. Quizás si Pepe Rivela se llamase Fernando Arrabal o Milan Kundera (que entre otros muchos artistas apoyaron al profesor públicamente), no intentarían censurar aquella inocente exposición que en sus días dio mucho que hablar a nivel de medios de comunicación. Celanova salió al mundo y Celanova tembló de escándalo...

Acanul Zeuqzag

Alumno del IES de Celanova

najes masculinos y femeninos empleándose a fondo en el ejercicio del acto sexual; de los actos sexuales, pues hay variedad de enfoques, posiciones y número de participantes.

En un momento dado me dice Darío Fo: quizá faltaba ver con tanto detalle cómo ofrece esta exposición la intimidad de un genio cochino, sus fantasías más atrevidas y sus nimiedades de alcoba, el lado machote, exhibicionista y depredador de quien sin duda consideró echar un buen polvo como una de las artes aplicadas. Yo comento a todos que no me extrañaría que se multiplicaran los estudios tachándole de sexista, machista, maltratador y aprovechado mirón. Nadie ha habido en el mundo del arte más falócrata que Picasso. ¿Alguien más vaginócrata que él?

Ahora Umberto Eco nos dice: Se cuenta que un día el historiador y museísta Jean Leymarie, amigo personal del pintor malagueño, le hizo esta pregunta en medio de una visita: “Tengo que dar una conferencia sobre arte y sexualidad; ¿qué digo?”. “Que es lo mismo” le respondió Picasso. Más allá de la frase feliz y la leyenda de sus muchos amores, su juventud de gran prostibulario, su capacidad viril mantenida hasta edades de milagro, hay en la respuesta a Leymarie una verdad. Lo que Picasso quería era pintar y follar todo el día, todos los días (esa obsesión por fechar los cuadros, los dibujos, los grabados, los apuntes, ¿los coitos?). Pintar como follar, follar para poder pintar mejor. Estas prodigiosas obras menores tienen algo de los graffiti que los salidos dejan a su paso por los servicios.

Cuando acabé de visionarla exclamé delante de todos (una “boutade” que dicen los franceses): ¡Pero si los chicos/as de Celanova pintan como Picasso! (¡Hay que defender la tierra de uno!). Y les comenté que el director del instituto de Celanova Camilo Ogando había censurado unos dibujos de plástica. Pues hay que animarlos (a los alumnos) para que sigan, me contestan. Y entre todos me regalaron el catálogo de la exposición para que se lo enseñara a mis alumnos de Celanova.

Daba gusto ver a los niños franceses (¡desde primaria en adelante!) con sus profesores viendo la exposición del gran maestro.



Dibujo enviado por Fernando Arrabal al director del IES de Celanova

LOS ECOS AUN RESUEÑAN EN EL IES DE CELANOVA

Las estrepitosas carcajadas de Lenin

Fernando Arrabal

Los dos pilares que mantienen al dadaísmo son: 1) La moral no existe y 2) En el arte y en el amor todo es posible. El surrealismo añade un tercer pilar pero solo para mencionar que el que no acate los dos primeros pilares no es surrealista y por lo tanto será expulsado. Con motivo de la censura sufrida por José Rivela Rivela (¡¡¡en el 2001!!!) profesor de plástica y visual en el IES de Celanova “al realizar los alumnos unos dibujos dadaístas-surrealistas” voy a recordar algunas cosas. Un saludo musical para todas las personas de esa bella tierra.

¿Cómo imaginar al “primer dadaísta” Tristán Tzará en 1916 bailando en un cabaré suizo con un tutú casi transparente cubriendo su desnudez? ¿Cómo imaginar las estrepitosas carcajadas de Lenin aquella noche de danzas y de macabros? ¿Cómo imaginar al líder ruso un año antes de que tomara el poder e instaurara el terror, aplaudiendo a rabiarse aquel baile sin disfraces mientras el público, a pesar de estar acostumbrado a las pantomimas y provocaciones de los vanguardistas de pro y añil, rabiaba atragantado por la última, pero esta vez insostenible, exhibición de su ídolo rumano? ¿Cómo imaginar al Tzará del cabaré Voltaire los que le conocimos [y conocimos también a su hijo Christophe, doctor en Ciencia Química por la Sorbona y ex-yerno de Nathalie Sarraute, con el que a punto estuve de tramar un atentado de ceniza con mi energía y la suya que a la sazón era atómica] y le frecuentamos durante los cinco últimos años de su vida? ¿Cómo conseguir concordar la imagen de la durmiente bailarina del vientre con la del anciano ¡tan despierto! con el que yo jugaba al ajedrez y desnudaba alacranes en el remanso de un café del Barrio Latino?

El gran dadaísta murió ocho años después de mi llegada a París cuando él era tres años más joven que hoy yo lo soy. Sin necesidad de que sus buitres y sus lobos le “suprimieran las constantes vitales” dejó de existir, como mi madre de la carta de amor, durante la Nochebuena.

Tristán Tzará en “Almanaque” aseguró que “la palabra dadá nació, no se sabe cómo”. Pero a la encuesta de “Aventuras” respondió que intentó “introducir un vocablo, dadá,

carente de significado". En sus "Obras completas" detalla la ceremonia: "...una mano verde colocó su fealdad sobre una página del Larousse; designó precisamente dadá y la elegí". Hans Arp lo certificó: "declaro que Tristán Tzará dio con la palabra dadá el 8 de febrero de 1916 a las seis de la tarde en presencia de mis doce hijos... y yo llevaba un brioche en la nariz izquierda". Pero en "Dadá au grand air" reconoce que "todo esto no tiene importancia, sólo a los imbéciles y a los profesores españoles les interesan las fechas". La verdad es que por vez primera en el "Diario" de Hugo Ball el 18 de abril de 1916 aparece una mención escrita de la palabra. El poeta alemán Richard Houelsenbeck definió dadá como "el primer grito del nene; expresa lo primitivo, el comienzo desde la nada y la novedad que caracteriza nuestro arte. No podríamos encontrar un mejor vocablo". El porvenir se desvanecía bajo flores y arrogancias.

Durante la noche fundadora de abril de 1916 en el cabaré Voltaire, según el catedrático de la Sorbona Dominique Noguez, "Tzará oscilaba lascívemente como una bailarina oriental mientras un bocazas cuya gorra, bigotes y barba simulaban sus rasgos mongoloides, encendido por el alcohol y la excitación, marcaba el ritmo con las manos". El público escandalizado por el meneo del danzarín en oleaje bramó: "¡No!;no!...¡No no!". Lenin no sólo rió estrepitosamente sino que "aprobó con su vozarrón los tambaleos de la bayadera. ¡Da!, ¡da!... Dadá! gritaba el inventor del Gulag. Es decir ¡Sí!, ¡sí!... ¡Sisí!"

Cuando me refiero a dadá en mis efímeros poéticos (alias conferencias) con generosidad se me atribuyen las raíces y las volutas de la invención. Pero un día Gonzalo Santoja y Juan Manuel Prada ¡sagacísimos!, al final de la improvisación, me pidieron las referencias del autor que citaba. Dominique Noguez publicó en Editions Laffont el ensayo "Lenin dadá" fuente y mina sobre el tema y sus refriegas. Como afirmó el cuasi cubano Francis Picabia " el naricitas, dadá, parece ruso".

Lenin, desde el 21 de febrero de 1916 hasta el 2 de abril de 1917 vivió, antes de la batalla, con su mujer Kupskaya en el número 14 de la Spielgelgasse de Zurich. En el callejón del "Espejo", enfrente de Tristán Tzará para mirarse en la luna de los dadaístas. El municipio de Zurich no recuerda al cabaré situado en el número uno del callejón, pero ha clavado la lápida de la costumbre encima del dormitorio sin estambres de los Lenin.

Tzará "intercambiaba ideas con Lenin" según afirmó Huelsenbeck en sus "Memorias de un dadá tambor". Y Julien Green, católico de lo sublime y sus mantillas, escribió en su "Diario" el 5 de febrero del año de mi nacimiento, "un pintor me dijo: con Lenin compartía las gachís. Era muy alegre, muy bueno y en amor muy guarro". A Tzará y a Lenin mu-

chas cosas les unieron en Zurich, desde el ajedrez hasta los suspiros y rubores de los cabarés.

Noguez analiza las letras de ambos. Por ejemplo el documento "Tzr 6" escrito sobre una hoja con el membrete del "Mouvement dadá". Considerado hasta hoy como manuscrito de Tzará, este texto en realidad es de puño y letra de Lenin. Noguez confronta los escritos de Tzará con los que Lenin escribió en francés. Y entre ellos dos cartas del zaricida a Camille Huysmans, secretario del Bureau Socialista y el borrador de "La tarea de la izquierda en el partido socialista". Establece con cuadros comparativos la manera de escribir las "d", las "g", las "p", las tildes de las "t" y de enlazar las letras de Tzará y de Lenin. "No cabe duda aquellos textos de Tzará fueron escritos por Lenin" Y se pregunta irónico "los manuscritos en francés de Lenin ¿fueron redactados por Tzará o los de Tzará por Lenin?"

Noguez nota la tendencia al leninismo de dadá y percibe la huella y los plumajes de Lenin como ideólogo y organizador del dadaísmo. Dalí, siempre adivisionario, pintó en "Alucinación parcial" seis imágenes de Lenin sobre un piano. En la partitura, en lugar de notas figuran miserables hormigas como imagen del proletariado leninista. Noguez sugiere que precisamente fue la insistencia del Lenin dadaísta la que condujo a los nihilistas instalados en Moscú a beber como palomos en la charca de dadá: "ellos van a la derecha y nosotros a la izquierda .O vice versa. Pronto se creará el frente único internacional de los nitchevoki y de dadá."

"La rabia visceral y el masoquismo bestial de Lenin es de origen dadá; para él todo era posible en la abyección puesto que nada tenía valor. A la luz de dadá la revolución rusa es una farsa de bufón , una inmensa máquina infernal y una burla contra los proletarios de todos los países". Como todas las revoluciones para los terroristas que Madrastra Historia parió con pólvora, fuego y sangre.

Harto de terrorismos y de sus bucéfalos y bucelarios del tiro en la nuca Tzará ordenó en el número 13 de Littérature: "¡No se dispare más, no se hable más!". Como si obedeciera a este mandato en marzo de 1923 Lenin comenzó su largo y definitivo mutismo. Gustave Welter reconoció que su führer paralizado por la enfermedad "no llegaba ni a pronunciar ni a trazar la palabra revolución". Igual que los alienígenas del terror actual.

El camarada Puzyna en la hagiografía "Lenin el Grande" cuenta la última y dadaísta aparición pública del mandamasas ante la exaltación y los hisopos del Soviet de Moscú: "... Lenin trató de hablar. Nadie comprendió sus farfullas y balbuceos. Por tres veces se alzaron las ovaciones de los camaradas"... del entusiasmo y la disciplina. El hemipléptico y mandaterroristas se calló. "Todos esperaron con fervor en silencio. Por fin Lenin rió ¡con carcajadas estrepitosas!".



AMADOS LEITORES DESTE JORNAL NASCENTE ¡¡ALGO NASCE EN CELANOVA!! DESCULPEN PELO REGISTRO LINGÜÍSTICO, MAS EU SÃO CARO ARRAIANO. O MEU MODELO É 124, MOTOR CATORCE TRINTA, PARA OS ENTENDIDOS. MARCA SEAT. O CARRO OFICIAL DA CLASE MEIA NA ESPANHA DOS ANOS 70. EU VIVIM A TRANSIÇÃO DO “ATADO Y BIEN ATADO” AO “ESPANHA VA BIEN” E AO “TALANTE PARA TODOS” COMO ANTÓNIMO DE TALENTO, CLARO. A HISTORIA DOS PROBLEMAS SEN RESOLVER...

II Volta ás nacións arraianas en 124

White Pomba

A primeira etapa deste viario arranxa dun lugar onde o mundo se chama cacicada barata, uma manhã primaveral do mes de Abril do ano que está por vir. Os 124 pronto seremos especies em perigo de extincção, e logo istoria; ¿mas a constituição?, ¿nem toca-la!, non vaia ser que se ergan as forzas armadas, lideradas pelo papón maior do reino de Carranha e a Mancha.

Ponhemos rumbo a Santander para colher um Ferri que nos leve ás ilhas británicas. Poucos confiam em nos. Velocidade meia: oitenta noventa, vento nordés, puntinha de gas e pitim, pitim...

Cinco mil cucas de petróleo, dous bocatas de chourizo e queijo, e chegamos a Santander ja de noitinha fresca. Durmín a cárter descuberto, cos cigonhais espreitando o invisível nouturno da praia do Sardinero. A brisa percorreu os segredos recunchos do meu motor. Sonhei con sunflowers de Gogh e con irmau Carolus Tercius, o xefe dos cronopios revirados e dos búfalos de aldea, a jogar xadrez co “Vello do Prado”, falando de apego á terra e da pesca da troita con mosca seca no río Deva. Também se falou de contrabando de vacas en Penagache, e de nenos en triciclos que voaban sobre as vacas cachenas. Até que me espertou um fillo da puta de fox terrier pequeno burgués, mejándome na roda dianteira esquerda, justo quando o velho do prado ficava pensando no gambito letom ou na apertura petroff do seu oponente, prendendo a súa pipa de arxila chea de kif quente.

Día 20 de Abril: amencer morno e húmido. Os tenentes voltam do hotel e damos um passeio por Santander en terceira a punta de gas, estilosa capital de provincia: gente amável com salitre aristocrático. Até a policía é boa gente... E chegamos ao porto. Há carros e gente agardando. Todo cheio, coma no porto de Vigo hai uns anos, quando os galegos gostavam dos cruceiros de pracer pelo atlántico. O mastodonte “Pays de la Loire” faz a sua chegada ao porto. Um guardia civil algo coainómano e alcólico paseia nervoso mirando a todos, sobre todo a nós. Leva pistola regulamentaria e óculos de sol escuros. Nom te nos achegos, sospeitoso...

Chega o noso torno e rodamos até as catedralicias adegas de ferro através da boca aberta da balea asasina. Coitado de min, 24 h la metido no cu da balea, fechado no meio do ferro e das augas agitadas do Cantábrico, todo negro, humido, e sentindo o peso da auga e mailo ruxir das burbullas contra o latoneiro casco do barco. Eles (os tenentes) de lúa de mel e eu de espeleología marítima e claustrofóbico perdido. Nunca tan mal o tinha pasado nos meus 25 anos de vida, nem na primeira viagem a Madrid.



A mar nao esta do mais cristiano. Os deuses celtas andan a fazer das súas. Também os deuses vikings e os mouros, também os romanos, os gregos e mailos opiófagos deuses hindúes e o deus cristiano, e os señores Buda e Confucio, que todos tenhem traballo que fazer nesta floresta putrefacta de mundo cobrade. Travesía marítima remexida. Lua cheia que eu nao vi, preso no cu da balea. Teve pessadelos. Garda civil cocainómano cabalgaba por entre o vinho, rachando vides ao seu passo, a cabalo duha muller caboverdiana con catro tetas.

Día 21 de Abril: esta manhã a pedra cae do ceo, Louis Armstrong quere tocar o saxo tenor de Coltrane. O ferri bica a badía de Plymouth. Perder óleo do motor e o meu xeito de protestar. Esteve tentado a foder ós tenentes, declarando-me en folga de carburador furado, mas que caralho!... Eu tambien escoito vozes ancestrais. Condado dos brancos cantiles de Devon, mil desculpas, mas Kernow invoca-nos con forza telúrica.

As ondas místicas vinham do castelo de Tintagel, berce do rei Arthur. E respondim como cabía agardar dun 124 arraiano algo badaioico: arrancar á segunda, demorar en quezer, pitim, pitim, e rumbo a Cornualhes, pistoneando de medo. ¿Todos aqueles carros feitos a reviravolta! Nós a rodar pelo lado esquerdo da estrada! Ai mamacinha! Imos coa monarquía no coração, os Sex Pistols no radiocassete, e o tubarro furado entre os palieres. O petróleo de albióon tambien entende o arraiano; é caro que fode, mais carbura bem.

Chegamos a Polperro, povo de contrabandistas onde eu quixera ter nacido noutra vida. Topamos un Bed and Breakfast chamado ‘Albion House’. Anoitete. O son da auga lambe o musgo das penedas, a néboa cubre o porto, agochado e discreto na fenda dos penedíos. Escoito o roer das chalanas que vam e venhem silandeiras. A tela da aranha espreita na gorja do marinheiro enrugado em pedra que fuma em pipa. As janelas sao fechadas pela

néboa da noite do bosque de leite. O naipe gastado rasura a táboa de madeira porosa da Octopus House. A brétema segue a descer intemporal e doce, contando velhos segredos de fuxidos. Surcos na faciana da historia pelos que Drake supervisa as entregas, coa faca supurando líquido de pupila. Bebe un trago de 'Jamaican Rum' e arrouta coma unha besta elegante. Eu nao posso descansar esta noite, demasiado movemento invisíbel para pegar foco.

na dourada mentira das drogas de desenho, e con forma de pílula mitshubitsi...

Assim chegamos ao 'southermost point of the UK', paraíso dos eclipses dos pagáns. Ja estava a anoitezer quando chegamos a uma pousada misteriosa e sospeitosa de todo. Estralou a tronada. Ceo abafado en alcatrão do pote. A pousadeira que nos resceve (dona do gigante Cormoran) fijo tremer aos tenentes e descotrolou-me os reténs.



Dia 22 de Abril: ontem á noite estive com Deus e co Demo, os dois som contrabandistas e asasininos. Os Estados cream a oportunidade para o negocio do mercado negro. Estados, Deus e Demo... Mesma merda. Hojem pequena tirada. Arraiamos os cantís lascados pelo gigante Cormorán. Ha tojos, mas sem nome em Latim. E chegamos a Boswinger. Pousada para dois e aparcamento de pedra fina para um servidor. O pousadeiro preguntoulhes aos meus tenentes se eram israelís, ala caralho! Em todo caso serían palestinos, ou etíopes, digo eu, va!

Dia 23 de Abril: formoso também. Rodamos por pequenas pistas perdidas 'in the middle of nowhere'. Calor, plenilunio e menguante arrolar. Coverack, povo pesqueiro na Península do Lagarto. Este povo está regido por un menino pirata de dez anos de idade. ¡Toma pragmatismo de xestión! Tenhem um museo de gaviotas perdidas

Lonje de ali soubemos que o gato negro, inseparábel amigo da pousadeira, tinha a picha como un caballo, e que tinham fodido tanto e tan duro que tiveram um filho, agora chefe dos hooligans do Manchester. Ou isso dizia a gente. Liscando daló chegamos a St. Ives. Á noite sonhei com gatos fodendo a gigantes e com futebol, o Deportivo ganhava a liga e o Celta a Primum Inter Totus. Porque eu são do Celtinha, vale?.

Dia 24 de Abril: sol, praia, obradoiros de escultura, galerias de arte, museios, estudos, artesanias maiores e menores. Até ha um Tate Gallery en St. Ives, que nao é mais que vila. Isso si se pode chamar ambición política. E rodando, rodando, chegamos a Land's End, version UK do Fisterra nosso. Chovem cans e gatos. Minack Theatre, o melhor teatro do mundo, construído por uma velhinha com amante, pendurando do cantil, co mar de incom-



parábel backstage. Galicia, país por facer. 'The Tempest' abriu as portas deste museo do teatro en 1.932. Tremeu o West End.

A noite colleunos em Perrancove. Este día durmín na rua. O pousadeiro e um homem sensível e gordo, um antigo mineiro em folga nos tempos da Thatcher, cos policía reprimindo as revoltas, ensinando bilhetes aos mineiros que levaban um ano de protesta sem cobrar. E Ken Loach a guichar. O pousadeiro regenta agora un coqueto Bed and Breakfast, fai body board e gosta de levar mandil todo o día, e de ir a Ibiza de Ferias a desfasar cos gays e coas pímulas en camisa de sisa frouxa. Boa gente pero algo barroco de máis, com toda a morada cheia de cositas y figuritas, todiño de tema marítimo e cheiro de froitas tropicais. Esa noite cagoume uma gaviota no cristal, puta que pariu! Aínda assim durmím a roda tola e

sonhei com druidas herbolarios e estramonio con psilocibina con cheiro a mariconada.

Dia 25 de Abril: Grándola vila more-e-na, Terra da Fraternida-a-de... Formoso amencer... Surfeamos o territorio surfer the Newquay, too much for us. Chegamos a Tintagel, lendas de Arthur, metade home, metade pedra. Full of ancestral voices we left Kernow falando un cornuallés fluído. Este servidor sae do condado de Cornualles, e asoma os seus tímidos focos pela city de Bristol. Oh! Bristol, capital mundial do encebolado de britpop, feudo de Tricky, catedral dos Massive Attack... Ataque masivo, tomemos as ruas, ocupemos, fazamos coma aqueles velhos revolucionarios que gostaban de mudar as coisas. Ideias armadas que obriguem ao futuro a seguir os nossos pasos. Tomemos ejemplo dalgum barbudo para erguer a nossa terra, para mover o tempo, recurramos á violencia da dactilográfica para fozar na bosta dos famas, que agarda ser removida para desaparecer. ¡Hostia que me emocionio!...

Aínda coa ressaca de Bristol entramos en Wales, terras galesas onde as pericas tenhem personalidade propia e onde a cerveja agroma das gorkas baixo o bosque de leite tépedo. Velhos mineiros reconvertidos, imperialismo inglés, desintegrados na súa propia terra, case coma nós de mal.

Preguemos aos deuses Celtas para que botem uma olhada ao nosso país, a ver se destituem ao ministro do destino dos apolíticos. ¡Oh, padres fundadores!! Os juramos que hasta que os murais no tocamos ni una coma de la constitución. Queda claro!!! Bienvenida democracia. Soy coche contractualista y republicano ademáis de arraiano, ¿fica claro?

Millones malgastados, gaiteiros escocesos, ejércitos de inútiles, políticos deforestadores, minicentrales asesinas, hasta los cojones.

Mientras tanto, no lejos de allí. Aznarín sigue en su burbujita, con Michael Jackson, con la libretita azul y con un boli redondeado y jugueteón, regalo de Zapatero. Espanha va bien, Galicia aun mejor, Orense y sus trapitos, Celanova y el olvido...

O carro arraiano diz adeus coa mente fatigada e com algo de saudade. Sonho com picar roda pelas lascas da Praza Maior de Celanova. Agora sei picar caucho tamem em lingua prerromana e saxona. E pitim, pitim.

Seguiremos a fodere....

Porque o lume que alampea endexamáis o veredes morto.

41.111 Km.

Historia de Mot

Plácido Romero Bernardo

Ano 3025 antes de Cristo. Despois dun claro día de principios do outono, o sol está a piques de ocultarse detrás dos leves outeiros que bordean o planalto que coroa o que hoxe chamamos a Serra das Motas, na parte máis setentrional da Serra do Laboreiro.

Mot descansa sentado sobre a herba, xa case seca, apoiando as súas costas nunha pequena rocha. O gran claro de bosque que se estendía á súa vista era para el, e para os da súa comunidade, a parte máis especial de todas as que constituían o territorio onde vivían.. Pouco a pouco, o suave zoar do vento sobre as polas dos bidos e carballos que, como un murmurio, a penas rachaba o fondo silencio que envolvía o ambiente, pareceu penetrar o corpo e o espírito de Mot, que se viu invadido por esa doce sensación de relaxamento que lle sobreviña sempre que se sentaba naquel seu sitio favorito. Sentíase cómodo e descansado despois dun día de duro traballo no que el, xunto cuns 60 homes conseguiran por fin colocar a enorme tapa de pedra sobre a última mámoa das oito que aínda hoxe se poden distinguir con claridade no lugar coñecido como Coto da Telleira-Os Aceviñeiros. Concello de Vereia (Ourense).

Non lembraba canto tempo tardaran en construíla. Cando Mot era neno, e agora rondaba xa a madura idade para aquela época (25 anos), vira ós maiores preparar o terreo onde se ía construír. Despois dalgúns invernos xa comezou a compaxinar as súas labores de vixiancia do gando coa axuda na extracción e no traslado das grandes lousas de pedra dende a canteira. O traxecto facíase lento e pesado a pesar de que contaban coa axuda de troncos, a modo de rolos, sobre os que as colocaban para rousalas



empuxadas por longos paus que utilizaban de pancas. Tiveran que sortear treitos chairos, outros ondulados e discontinuos, ás boulas cara arriba e cara abaixo pero pouco a pouco conseguiran achegalas ó lugar decidido. Logo empezou o traballo de erguelas para poder configurar a cámara funeraria, anta ou dolmen, onde serían depositados os mortos. Era unha tarefa complicada. Ademais de poñelas en vertical había que buscar tamén unha colocación tal que, apoiándose unhas nos bordes das outras, reforzara a estabilidade e puideran soportar o peso da tapa sen risco de derrubamento. Era imprescindible aquí tamén a axuda dunhas estruturas de madeira que facilitaban este traballo a modo de rudimentarias grúas.

Agora Mot observaba as grandes árbores que arrodeaban o espacio ocupado polas mámoas e semelláballe que tería sido imposible facer tan grande construción sen a axuda da madeira. Os bosques de bidueiros, carballos e choupos que aínda proliferaban por alí, ás veces supúñanlle un grave obstáculo e había que loitar contra eles. Víanse obrigados a cortalos coas machadas de pedra que eles mesmos fabricaban e pulimentaban, e incluso chegaban a provocar incendios. Era imprescindible facelo para conseguir terreos aptos para o pasto, o cultivo ou incluso para os lugares onde se decidía situar as mámoas. A madeira tamén era un material esencial. Non só porque

dela saían os instrumentos que facilitaban a construción dos dolmens e a fabricación doutros trebellos tamén necesarios para a súa subsistencia (frechas, lanzas, mangos, etc) senón porque tamén era o alimento do lume do fogar e o material de construción das súas vivendas e refuxios.

Non embargantes, para Mot a pedra era a materia fundamental. As machadas, as mazas, as puntas das frechas e outros moitos obxectos eran de pedra e o seu labor tamén era fundamental para a vida cotiá. Pero a pedra dura, contundente, poderosa era moito máis que un simple material de uso. Emerxía potente, grandiosa e inalterable nos rochedos que cada pouco sobresaían sobre a penechira como xurdidos das profundidades da terra, pero cunha clara e decidida orientación cara ó máis alto do firmamento. O Penagache, no confín mais setentrional do territorio que habitaba a súa comunidade, e a Pena de Anamán, no mais meridional, eran os maiores, os máis maxestosos, e por iso tras deles se sentían seguros, protexidos dos perigos que os puideran axexar. Fronte os ciclos vitais marcados polas estacións e polos anos, onde plantas e animais se murchaban, envellecían, e finalmente desaparecían, non se podía sentir máis que admiración e sobrecollemento fronte á permanente inalterabilidade da rocha, fronte a súa eternidade. Era evidente a súa superioridade sobre o resto de materiais, variables, caducos. De aí o seu carácter máxico e sagrado. E a pedra era escollida para ser a morada definitiva dos seres humanos, como pretendendo facelos partícipes desa inmutabilidade sagrada para a eternidade. Por iso, todo o traballo empregado, todo o tempo utilizado na construción, e sustraído das máis apremiantes tarefas de conseguir o alimento, estaba máis que xustificado.

Unha vez que conseguiron colocar as pedras ou ortostatos que conformaban as paredes da anta e da galería ou corredor de acceso, toda a comunidade se mobilizou para carrexar terra e cubrila por todos os seus costados dándolle a forma característica de tronco de cono. Este túmulo serviría logo como rampla para o achegamento á parte superior da enorme lousa que se colocaría de tapa sobre os ortostatos. Agora só faltaba cubri-lo todo el de pedras pequenas que lle darían brillo, claridade para contrastar co chan herboso sobre o que se situaba. Era a coroa. Tamén de pedra.

Mot pensaba que el tamén ía ser depositado alí xunto cos seus cando o corpo deixara de vivir neste mundo. Pero os seus espíritos seguirían a vida no mais alá. Para todos eles a morte era o sentido final da vida, o inicio da xeira da verdadeira vida. E ó igual que durante a vida terreal veríase acompañado e arroupado por toda a comu-

nidade. Todos contribuíran a conseguir colectivamente o sustento e a alimentación deforestando o monte, coidando as vacas, ovellas e cabras, cazando xabarís, cervos e lebres, recolectando froitos silvestres ou cultivando xa cereais e leguminosas. Todos pasarían tamén colectivamente á vida máis alá da morte para axudarse mutuamente e velar tamén polos que quedaban eiquí. Por iso se lles enterraba cun enxoval de obxectos moi prezados: cerámicas, machadas, puntas de frecha, avalorios e “xoiás” que posiblemente lles serían moi útiles. Anque isto supuxese tamén un novo esforzo para poder fabricar outras de novo. En fin, non se reparaba en gastos.

Os últimos raios de sol proxectaban sobre as corozas das mámoas un reluciente escintilar alaranxado á vez que as sombras dos túmulos se facían cada vez máis alongadas, creando un sorprendente efecto de claroscuro, de luz e escuridade, de vida e morte en definitiva. Era unha evidencia máis do carácter máxico e sagrado do lugar. Mot levantouse a modo e foise camiñando paseniñamente coidando de non facer ruído coas súas pegadas. Non quixera perturbar a especial atmosfera de sacralidade e maxia que se respiraba.

Despois de case 5000 anos, o camiñante que se achegue á Serra das Motas debeo facer ó atardecer dun día claro. Sen dúbida poderá vibrar nos “Aceviñeiros” co silencio que envolve as súas mámoas e, anque hoxe non se lles poidan apreciar xa as brancas corozas, admirarse dos efectos das súas alongadas sombras. Será este o momento de reflexionar sobre a profunda integración daqueles galegos primitivos na Natureza que os sustentaba e transportaba cara un mundo de ultratumba, posiblemente liberador das miserias da existencia terreal. Quizais a eles lles debemos algúns dos aspectos esenciais desa cultura galega que perdurou séculos e que agora está en fonda transformación. Foron eles os primeiros que traballaron a cantería e a construción en pedra. E de seguro que o facían con maestría e grandes coñecementos. A proba é a perdurabilidade dos seus monumentos. Tamén podemos pensar que a concepción da vida no mundo rural galego, as súas dependencias do medio, a busca de formas de traballo colectivo e, o que é mais importante, o sentido e a importancia da morte que houbo sempre teñen as súas raíces naquelas comunidades que, como a de Mot, aplicaron ás súas vidas unha dimensión transcendente.

O camiñante afortunado de achegarse a esta especial paraxe poderá reflexionar sobre o contraste entre a paisaxe que aqueles primeiros galegos artellaron, modelaron e lle deron forma co seu traballo e coa súa suor e o futuro que nos agarda, onde o progreso parece estar rifa-do coa ecoloxía, a natureza e o medio ambiente.



Coelióbriga

Xosé Benito Reza

Cheguei por fin, xa de vello, logo de tantos anos. De tantos soles e tantas lúas escachando ondas nos cons en cachóns extraordinarios. Naquel país dos ártabros onde morre o sol e onde o estrondo do mar enguruñaba decote o meu corazón. O meu corazón aqueloutrado, impelido pola memoria inviolable da nenez, cara ó país de Arnoia.

E procurei as lembranzas gravadas a fogo no máis fondo da miña alma. Na terra de brañas e vales breves onde agroman os mananciais primeiros, de extensas penchairas onde agurgullan espellos de prata, e rochas grandes coma xigantes onde é frecuente o bafexar do ventos que veñen no deitar do sol.

Cheguei á miña terra pequena, e subín eu co meu escravo Naviulacos pola corga fondal que vai ó castro, que é un cavorco moi avesedo e con moita troula de pa-

xaros e amieiros itinerantes. Levaba el, Naviulacos, unha lanza longa, e tamén pendurado das costas o meu escudo de bronce ornado cun tríscele fermoso, e ía eu coa miña grande espada de antenas con guarda esmaltada e filigrana de ouro, rematando as puntas en dúas cabezas: unha de lobo e outra de ovella, semellante ó torque que loce no meu pescozo. E así, logo de moito subir pola encosta que vai ó castro, abriuse un claro na vereia, circunscrito pola espesura do bosque, e ollamos marabillados e co corazón nun pulso a cidade nosa, logo de tantos anos, recortada aló no alto contra do límpido firmamento. Sentín naquel intre que Naviulacos me apertaba, ategado de emoción, o brazo esquerdo: Meu señor –exclamou cun tremor nos beizos-, ¡Coelióbriga, por fin!

En efecto, aló por entre a aboveda da arboreda ollábase a muralla orgullosa da miña citania, tanto anos abandonada, pousada coma coroa de prata sobre do solar coelerno. Entramos en silencio polo camiño comesto das silveiras, por carrileiras vellas enfariñadas co pousado do esquecemento, baixo do sol tremelucendo do outono. Estaban as grandes portas esborralladas, pero a gran fortaleza defensiva conservaba aínda a perfecta xeometría que lle deran os meus devanceiros.

Máis tarde, dende o adarve do muro poderoso, ollei compracido a gran montaña por onde sae o sol, aquela á que cada día durante tantas xeracións diriximos os coelernos os nosos rezos e pregarías. Por baixo, na grande extensión do val do Arnoia, espallábase a carballeira mesta e inconmensurable, tinguida de ocres e amarelos outonais. E chorei amargamente, e lembrei o meu pobo e a miña derradeira noite en Coelióbriga, hai case corenta anos...

Chegaban voces afogadas e sons metálicos do campamento dos noxentos romanos, aló na explanada do baixo que vai cara á serra da miña infancia. Dentro do recinto fortificado alumeaban algunhas fogueiras e de vez escoitábanse laios e murmurios e voces graves que viñan das casas redondas a rentes da muralla. Eu vira a meu pai chegar uns días antes con moitas novas e varias cabezas de guerreiros inimigos penduradas das crinas do seu caballo garrao. Non eran boas novas as que traía: Viriato e meu pai perderan a guerra na terra feraz dos lusitanos, que vai moitos días cara ao sur; e foran perseguidos ata o mesmo río Limaia pola cabalería torpe e desorganizada dun xeneral romano chamado Décimo Xuño Bruto; e semanas despois o noso exército de galaicos, límicos, interánnicos, querquernos, tamaganos e coelernos foi derrotado nas ribeiras do río do esquecemento. Eu non chegaba a comprender as causas de semellante derrota, diante dun exército de covardes, que só loitaban en

campo aberto para se arrexuntar uns aos outros comenos e amatar así o medo pavoroso que os enmudecía.

E así chegaron un día aqueles bárbaros, procedentes dun afastado e descoñecido país, pé da miña amada citania. Non recordo cántos foron os días e as noites de asedio, de escaramuzas cos invasores nas terras rumorosas que van en rodopío. Só lembro con claridade os urros ameazantes dos aguerridos homes e mulleres de Coelióbriga, o arrepiente incendio que arrasou nun intre o colmo de todas as pallozas, o sangue espeso dos defensores e atacantes enchoupando os muros da fortaleza, e o silencio, o tenso e mesto silencio da noite sen lúa en que saín da man férrea de Naviulacos camiño de ningures. Meu fillo Belmil -dixérame aquela derradeira noite meu pai, príncipe dos coelernos-, mañá non quedará ninguén con vida na cidadela, agora debes partir para que quede memoria de todos nós e de todos aqueles que nos antecederon, pois ti es o noso tesouro máis valioso...

Hoxe sabemos que os romanos seguen a roldar o meu país, pero Breogán aínda está con nós. Logo daquela expedición de castigo o exército vermello non volveu aparecer. E penso agora, aloumiñado pola bris recendente que sobe do meu val cara a Coelióbriga, que **é un bo momento para comezar de novo**. Hai tres días que volveron as familias que durante tantos anos viviron enguruñadas nos cavorcos máis escuros da miña terra pequena, e hoxe faremos unha fogueira enorme para celebrar o regreso, e beberemos e cantaremos todos xuntos as cancións que falan das augas e das árbores, dos amores e das guerras, dos cabalos, das aguias e dos osos, das chairas onde dormen os antepasados e dos ríos onde van as armas dos valerosos.

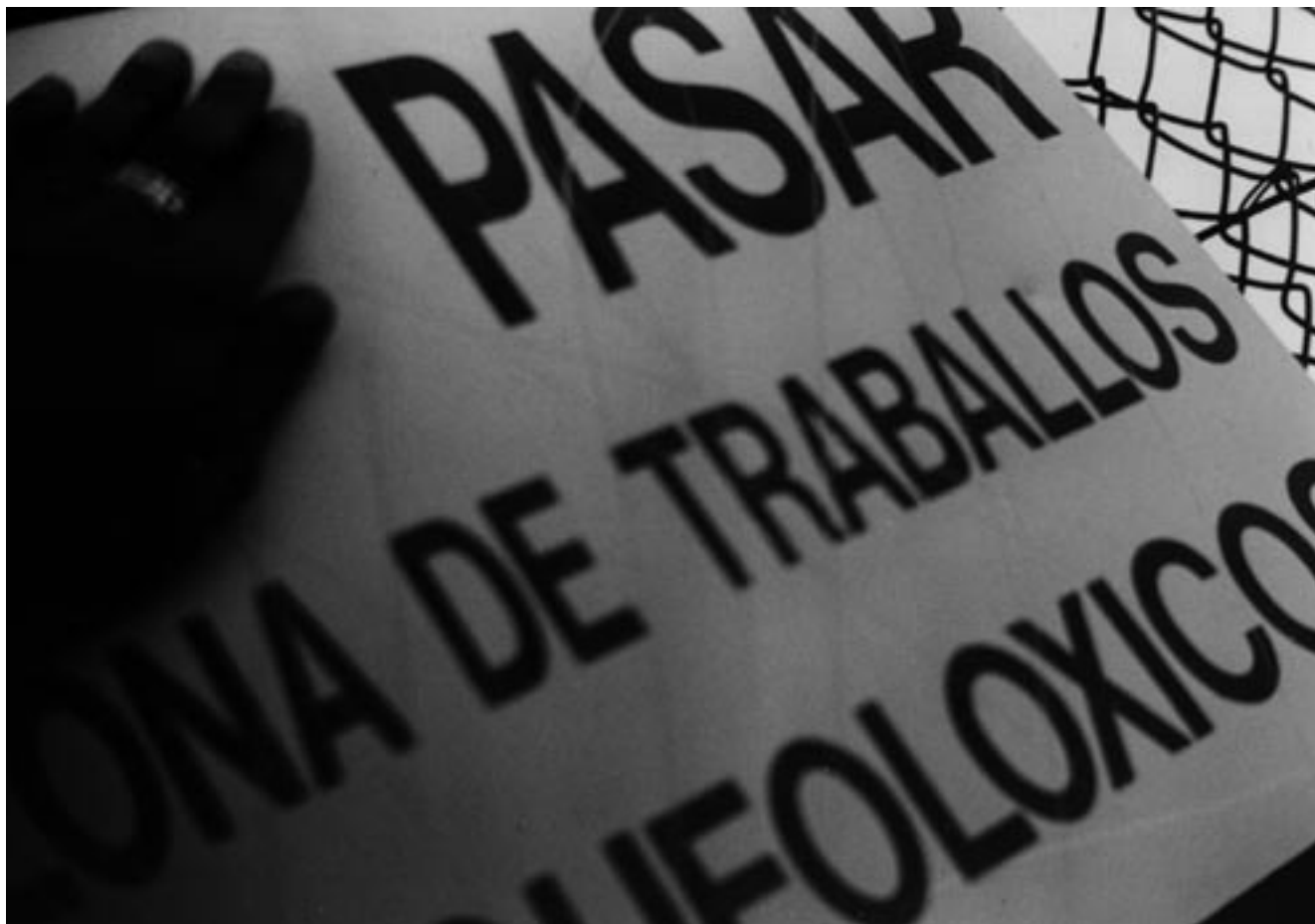
Estou seguro de que a próxima vez non quedará ninguén de Coelióbriga para perpetuar a memoria polos séculos que veñan. O sei porque no mesmo intre da miña chegada vin unha muller silandeira, moi vella e esfarrapada, que me saudaba dende a lindeira do bosque que vai por embaixo, chámase DANA.

NOTAS:

1.- *A conquista definitiva de Galicia por Roma tivo lugar máis de cen anos despois da incursión de Décimo Xuño Bruto no ano 137 a.c.*

2.- *DANA é a Deusa-Nai dos indíxenas*

3.- *As tribos das que se fala no texto figuran todas no “padrón dos pobos” de Chaves, erixido o ano 79 d.c.*



O XACEMENTO DE CASTROMAO É UN DOS CASTROS MÁIS DESTACADOS DENTRO DA HISTORIA DA ARQUEOLOXÍA GALEGA, ESTUDIADO E EXCAVADO Ó LONGO DE VARIAS DÉCADAS, DENDE AS PRIMEIRAS INTERVENCIÓNS NOS ANOS 60 ATA AS QUE AÍNDA SE REALIZAN HOXE.

A Tábula de Castromao

Eduardo - Breogán Nieto Muñiz

Ano 132 d.C. Coelernos e Romanos acordan convivir en paz

De entre tódolos achados que se deron no Castro hai un de especial relevancia; trátase da *tabula hospitalis*, atopada en 1970 nas excavacións dirixidas por Xesús Ferro Couso, daquela director do Museo Arqueolóxico Provincial de Ourense, e Xaquín Lorenzo, homenaxeado recentemente no Día das Letras Galegas.

Ten unhas reducidas dimensións, 31 cm de alto por 23 cm de ancho e 4 mm de groso; a decoración redúcese a un borde perimetral, labrado en escocia de dous sucos, e un apéndice circular na parte superior. Recentemente descubriuse que unha asiña de bronce, que aparecera xunto a placa, é parte dela.

Na placa podemos ler:

G(neo) IVLIO . SERIO . AVGVRINO . G(neo) TREBIO .
 SERGIANO . CO(n)S(ulibus)
 coelerni . ex . hispania . citeriore .
 CONVENTVS . BRACARI . CVM . G(neo) . AN
 TONIO . AQUILIO . NOVAGUSTANO .
 PRAEF(ecto) . COH(ortis) . I . CELTIBERORVM .
 LIBERIS . PESTERISQVE . EIVS . HOS
 PITIUM . FECERVNT .
 G(neus) . ANTONIVS . AQVILVS . CVM . COELER
 nis . liberis . posterisqve . eorvm .
 hospitivm . fecit .
 legatvs . egit .
 P(ublius) . CAMPANIVS . GEMINVS

Que ven a significar que:

Sendo cónsules Gneo Xulio Augurino e Gneo Trebio Sergiano, os Coelerni, da Hispania Citerior e do convento de Braga, fixeron un pacto de hospitalidade con Gneo Antonio Aquilo Novagustano, prefecto da primeira Cohorte do Celtíberos, cos seus fillos e descendentes. Gneo Antonio Aquilo fixo un pacto de hospitalidade cos Coelerni, cos seus fillos e descendentes. Actuou como legado Publio Campanio Gémino.

Trátase dun pacto, datado no ano 132 a.C., establecido entre a colectividade dos Coelernos e un alto cargo militar, o prefecto da Cohorte I dos Celtíberos, Gneo Antonius Aquilus Novaugustano, membro da administración romana, representante do emperador.

Co achado desta tabula puidose ubicar definitivamente Coeliobriga, a vella capital dos Coelernos, en Castromao; pobo coñecido por referencias clásicas pero do que se ignoraba o lugar de asentamento. A Cohorte I dos Celtíberos estivo establecida no Noroeste de Hispania, xunto á Legio VII, ó redor do ano 160 d.C., e, evidentemente, no ano 132 d.C. atopábase próxima ó territorio dos Coelernos. O pacto está verificado por un legado, Publius Campanius Geminus, unha especie maxistrado local, delegado dun órgano con funcións políticas.

A placa foi atopada nunha estrutura con función de almacenamento, na plataforma baixa da vertente norte do castro. Podería ser esta a casa dun membro da elite do castro, encargado da súa custodia.

O termo *tessera*, co que se veu coñecendo dende o seu descubrimento é erróneo, xa que en realidade é unha *tabula*. A diferenza entre os dous termos podería non ser importante, senón fose porque implica unha forma e función distintas. O adxectivo de *hospitalis* recíbese polo contido do texto, neste caso un pacto de hospitalidade.

As *tesserae* son placas de pequeno tamaño, e de formas moi variadas (xeométricas, en forma de animais...), coa función de identificar, cun breve texto gravado no reverso, ó seu portador. Existen moitos tipos de *tesserae*, indicando cun adxectivo a función a cumprir. Nas entradas dos espectáculos teatrais romanos, por exemplo, repartíanse *tesserae* para asignar o asento a ocupar. Tamén se lle daban ós cidadáns que tiñan dereito a voto nunha assemblea, ou ós militares beneficiarios no reparto de trigo, para acreditar ese dereito. A *hospitalis* identificaba ás partes participantes nun pacto de hospitalidade. Moi significativas da súa función son un tipo de *tesseras* en forma de mans entrelazadas, aparecidas en Teruel, Sicilia ou Provenza. Podería ser a proba física dun pacto que levaría un dos asinantes consigo, para presentarlle durante unha viaxe ou ó se instalar nun novo lugar.

Tabulas teñen aparecido por todo o territorio do Imperio Romano, non obstante, no noroeste da península só se atoparon outras catro, ademais da de Castromao: no Caurel, en Astorga e dúas en Vila Nova de Gaia. A forma laminar e rectangular das *tabulae* é propia dos documentos xurídicos romanos, procurando un aspecto solemne. A función da *tabula* é a de dar fé pública do pacto; colocábase, polo tanto, nun lugar público, á vista de tódolos membros da comunidade, penduradas na parede da casa do posuidor ou dalgún edificio público. Algunhas das placas de bronce onde se gravaron estes documentos mostran os orificios dos que se penduraban; outras teñen asas móbiles, co mesmo fin, ou para

facilita-lo seu transporte, como a de Castromao, ou outras de Badalona (Barcelona) ou Montalegre de Campos (Valladolid).

Estes pactos de hospitalidade teñen unha vella raigame, anterior incluso á chegada dos romanos, pero foron reconvertidos e usados por estes a xeito de tratados de paz, tratando de busca-lo entendemento directo cos indíxenas e fomentar así a cohesión interna entre eles, como medio máis eficaz para acadar unha pacificación estable do novo territorio incorporado ó Imperio e a integración dos seus habitantes nos esquemas romanos.

É unha mágoa que os excavadores desta zona non deixasen documentación do proceso de excavación, nen seguiran uns medios arqueolóxicos máis adecuados, nos que tiveran en conta os niveis estratigráficos dunha forma máis científica. Estes datos proporcionaríanos hoxe unha información valiosísima no momento de relacionala coa extraída da *tabula*.

A existencia deste pacto foi xustificación para organizar unha festa de tipo histórico, como tanta outras que se celebran cada ano por toda a xeografía galega, rememorando épocas do noso pasado, dende festas prehistóricas, castrexas, romanas, vikingas ou medievais. Incluso en Castromao temos a fortuna de rememorar un momento histórico concreto, perfectamente documentado, como foi a sinatura do pacto de hospitalidade. Respetando todo o seu carácter lúdico e festivo, dende aquí queremos facer un chamamento para o bo entender deste tipo de eventos. Non podemos deixar que estas festas se convirtn nun atractivo simplemente “festeiro”, que tamén, pero nunca está de máis procurar unha concienciación, a través destas festas, da riqueza histórica e patrimonial coa que contamos. O malo é que este tipo de festas son moi dadas a un asalto indiscriminado de xacementos arqueolóxicos por parte dalgúns participantes, non só durante a celebración, senón tamén nas vésperas, nun ambiente de preparación ou de “férveme o corpo xa”. Isto ben a conto pola lamentable e recente, aínda que ven sucedendo a cotío, presenza dalgúns que, nese “tránsito cara a ambientación histórica e espiritual”, se dedica a fedellar nos restos arqueolóxicos, coa única consecuencia de alterar e destruír o traballo de moita xente que se adica a estudar e a dar a coñecer esa riqueza, que é de todos, incurrindo ademais nun delito contra o patrimonio histórico, penado duramente pola lei. Agardemos non se volva repetir, xa bastante é ter que sufrir roubos de moitas pezas deixadas no xacemento para unha millor comprensión dos visitantes. Coidemos o que é noso, podemos disfrutar respetando, non si?

PARA SABER MÁIS:

ARCE, J. 1990: “Los bronceos romanos de Hispania”, en Truco, J. (co.) Los bronceos romanos en España, pp. 15-25, Ministerio de Cultura, Madrid.

ARIAS VILAS, F. 1992: A romanización de Galicia, A Nosa Terra, Vigo.

DOPICO CAÍNZOS, M.D. 1997: “Las Tabulae Hospitales”, Revista de Arqueología, nº 196, pp.30-39.

FERRO COUSELO, J. e LORENZO FERNÁNDEZ, X. 1971: “La tessera hospitalis del Castromao”, *Boletín Auriense*, I, pp.9-18.

GONZÁLEZ, J. 1990: “Bronces jurídicos romanos en España”, en Truco, J. (co.) Los bronceos romanos en España, pp. 51-61, Ministerio de Cultura, Madrid.

NIETO MUÑOZ, E.B. 2002: “A tabula hospitalis de Castromao”, *Onde o Mundo se chama Celanova*, nº 30, pp. 6-12, Celanova.

ORERO GRANDAL, L. 1994: “Novos achados no Castromao (Celanova-Ourense)...Unha estraña escultura zoomorfa”, *Boletín Auriense*, XXIV, pp. 113-139.

ORERO GRANDAL, L. 2000-a: “Os castros da Terra de Celanova: Castromao como paradigma”, en Eguileta Franco, J.M., Orero Grandal, L. e Castro Pérez, L. (co.) *Arqueoloxía prehistórica na Terra de Celanova*, pp. 155-168, Concello de Celanova.

ORERO GRANDAL, L. 2000-b: “Castromao (Celanova-Ourense)”, *Brigantium* 12, pp. 179-185.

RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, X. 2003: “Tabula de Castromao”, *Peza do mes* xaneiro 2003, Museo Arqueolóxico Provincial de Ourense.

SILVA, A.C.F. 1986: A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal, Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

TRANOY, A. 1981: *La Galice Romaine*, París.

SÓ CINCO LIÑAS. ENDIANHADO CORSÉ IMPOSTO POLO IMPERIO DO PODER. UNS RESPETAN AS ORDES E OUTROS NON, ALGÚNS ATÉ SE QUEIXAN NO TEXTO. TODO É POSIBLE NESTE NOVO MUNDO ARRAIANO QUE QUERE NASCER. DAMOS ASÍ POR ENCETADO ESTE MACROCONCURSO DE MICRORELATOS. A MEDIDA POLA TI CO TEU SAQUETE DE PALABRAS ENFIADAS. arraianos@wanadoo.es

Micro corre latos

NOBELO DE IDENTIDADE

Deulle nome ao personaxe que nunca soubo encarnar.

Fíxoo falar con palabras que só entendería tempo despois de telo condenado a existir.

Viu nel a imposibilidade de ser algo críbel na ficción, polo que deu por rematada a súa vida moito antes de saber quen diaños fora o personaxe que encarnara a súa ausencia.

Baldo Ramos

CINCO LIÑAS

Cinco liñas, só me permiten cinco liñas, cinco liñas para dicir, “que nace, nace un sentir, un esforzo, unha idea, nace un desexo de romper ca monotóna de non facer nada.”

Todo ó nacer regala unha ledicia, un calafrío, un pensar en: “vaia pasada!”

¡Benvidos ó mundo, Arraianos!

Paulo Guantanamera

ATLAS APÓCRIFO: IGNAVIA

Ignavia era a rexión, hoxe extraviada, onde se forxou o nacemento do país de Ignopía, ese lugar onde ninguén sabe localizarse. Os ignavos, habitantes da rexión, sufrían dunha indolencia absoluta que lles impedía tomar iniciativas propias, de tal xeito que a fundación da súa nación levouse a cabo non por decidírenos eles, mais por marxinación das monarquías lindantes, fartas da inoperatividade social imperante e da pouca resistencia ofrecida nos escasos tentos de invasión por parte dalgunha delas. Segundo recolle a lenda, esta apatía transmitida xeneticamente comezou a darse nunha etapa de expansión intelectual na que as ideas acadaron unha sorte de condensación de tan grande peso específico que motivou a aparición de extensas brañas en toda a rexión. Parece ser que os ignavos desenvolvían as súas vidas no medio de espesísimas confusións agravadas pola pantanización do terreo, chegando, logo de varias xeracións e por medio desta reacción sinérxica, ao extravío da rexión unha vez os habitantes esqueceron quen eran e por qué estaban alí, dando lugar a unha tribo pantasma entregada ao labor de vagar incesantemente entre os illós a se deixar levar polas rédeas do vento.

Foi borrada das xeografías oficiais pola conduta antropoloxicamente inmoral dos nativos, mais fica presente na lingua popular en expresións como *estar na inopia*.

Rafa Xaneiro

O FEDELLANTE

Fedellaba eu no trasteiro cando ó mover unha vasoi-
ra esta foi dar co seu rabo nunha pa, que bendita sexa,
me caíu na cabeza e gracias a deus me abriu unha fenda
que a piques estivo de me costar un ollo, bendito trastei-
ro, bendita pa e bendita fenda, que gracias a deus des-
ta vez si me custaron un matrimonio. Pois se non fose
pola miña bendita, estaría durmindo coma un bendito e
non andaría fedellando e buscando o aspirador, que iso
si que son malos tratos. Claro está que non xuízo a pa
estaba na súa man. Bendita sexa.

Felo Boitre

O ESPELLO

Deitouse sobre aquela raia que antano tiña dividido po-
bos cuase inimigos, a mesma raia atravesada hai só deza-
nove anos polas balas de dous bandos. Fuxidos, contra-
bandistas e mortos. Poucos mortos para tanto país. Dei-
tou a cabeza cara o norte e os pes pisando o sur. Mirou
o ceo luminoso ficou convencido de que era o espello da
Terra. Despois durmiu para sempre pensando nas feridas
fechadas e no bálsamo do tempo. O abouxo dun raio
espertouno e correu na procura dun refuxio.

RECEITA DUNHA FRONTEIRA

Estanque podre. Valado. Minicentral. Involución. Divi-
sión. Forasteiros. Autoridade Podre. Rabaño. Marcuse.
Xenreira. Fel. Desunión. Nación. Anaco de. Parede. Frá-
xil. Cárcere. Fisioloxía. Pathos. Abismo. Policía e Garda
Civil. Cemento. Masa. Misantrópía. Atavismo. Tolemia.
Cordura. Construcción e obreiros na destrucción. Rea-
lidade. Relixión. Fuxida. Morte. Liberdade. Disparo. Vin-
ganza Humana. Imperfección. Cegueira. LUZ PARA TO-
DOS. Beizón.

Cristina Palacios

DIARIO (EXTRACTO)

“Irreversiblemente xa levo a túa alma dentro de mín”
Paul Auster. *Leviatán*

Antes

Desperto nun lugar da noite e percibo coa exactitude e
contundencia dun lóstrego que todos estamos sós, esta
sensación é tan incisiva e pura como somentes o é a ver-
dade. Vólvome durmir.

Algunha noite nalgún lugar (ano 1996).

Durante

—“É mellor non decir nada máis que xa é bastante, ¿Non
crés? Espero realmente que che vaia moi ben. Coidate”.

O mesmo lugar (26 de Outubro de 1998).

Despois

Este despois chega ata agora. Como un animal ferido de
morte. Pelexando desesperadamente contra a soidade,
contra a verdade.

O mesmo lugar (27 de xullo de 2004).

Cartelle

*Entrenamos jóvenes para arrojar NÁPALM, pero sus jefes
no les permiten escribir “JODER” en sus aviones, porque
¡ES OBSCENO!*

Coronel Kurtz (Apocalypse Now)

SMS

Caeulle un raio enriba cando estaba enviando a mensa-
xe, o que fixo que, ó estilo dos superheroes que se tornan
tal por mediación dunha araña radioactiva ou unha des-
carga eléctrica, o seu teléfono móbil cobrase vida espiri-
tual e coa vida lle chegase o libre albedrío, e así, cada vez
que el lle mandaba unha mensaxe á rapaza, do estilo “sta
noit imos todos o cine, aptceche vir?:-)”, o teléfono, por
iniciativa propia, enviaba unha segunda mensaxe para
contextualizar a primeira, algo como: “n realidade obri-
gou os amigos a ir o cine hox pra ter xcusa pra kdar ctigo.
dsexat”.

Iso si, esta segunda mensaxe era totalmente gratuita.

Patricia A. Janeiro



Humor tecno-rural

Psicomaxia

Rafa Xaneiro

Coñecín a Alejandro Jodorowsky no Teatro Principal de Santiago D. C. alá polo 1990. A película chamábase *Santa Sangre* e, sen entender profundamente entón o seu sentido, fíquei abraiado pola forza e lirismo dos que estaba cargada. Foi o primeiro balazo no meu estómago e doeume, mais unha dor pracenteira. Os seguintes non fixeron dano; entraron como por osmose, como se a miña carne se abrise voluntariamente ao paso do proxectil, receptiva, acolledora, tentando distribuír a enerxía intrusa equitativamente por todo o meu organismo. *El Topo* e *La montaña sagrada*, *Fando y Lis*; e logo os cómics, o heroe imposíbel Alef-Thau e a viaxe nos diversos niveis de conciencia de *El Incal*. E tamén a mágoa de proxectos extraviados como *Dune* (que rematou no obxectivo de David Lynch) e *Naked Lunch* (con mellor sorte, no de David Cronenberg); o non ter vivido os seus *efímeros* teatrais nas rúas de México, precursores do *happening* e demoleadoras expresións do underground nun país xa de seu subterráneo no medio do escándalo dunha gobernante e hipócrita burguesía superada polo ineludíbel espello da realidade (era a realidade a que, coma case sempre, resultou deforme, non o espello).

Un punto común en toda a súa produción: no fondo sempre atopamos un amplo abano de peripecias entre o mundano e o espiritual, entre o humano e o divino, entre o miserábel e o portentoso, polas cales cabalgan os protagonistas nunha toma de conciencia, ás veces exhibicionista, outras humilde e silenciosa, que os fai evolucionar cara a un destino tan propio como inevitábel (porque, ao final, a vida é sempre iso, a tópica pero verídica tensión permanente entre estes dous polos e o heroe a miúdo resulta asemade demo e santo). E é esta dualidade necesaria a que o mesmo Jodorowsky fai experimentar na súa terapia psicomáxica, pois a traveso do acto logra facer vivir unha catarse a nivel subconsciente coas súas consecuentes implicacións na dimensión consciente do individuo. Porque a psicomaxia, como método, parte da liberación do inconsciente a traveso da comunicación simbólica. Explícao el mesmo cando se refire ao seu traballo como a inversión do esquema freudiano, porque se este tentaba racionalizar o subconsciente, é dicir, envorcar as súas expresións, por exemplo as oníricas, a termos captábeis pola lóxica do intelecto, o psicomago chileno leva a cabo unha tradución no senso oposto, ou sexa, fálalle ao inconsciente nos seus propios termos, conseguindo que este agrome co seu poder de transformación transcendendo a barreira da razón pero creando no suxeito un precedente indelébel, xa que

esta mudanza é operada desde el mesmo. Proceso recíproco de intercambio entre dúas dimensións do ser humano difíciles de comunicar na maioría dos casos (semella máis ben que o exíguo contacto maniféstase apenas por medio de interferencias). Pero, cómo é que a consciencia subxugada á ditadura do pensamento racional é quen de superar tal barreira ao se dirixir á súa complementaria? A artimaña, o xogo, a *trampa sagrada*, o dispositivo que o psicomago pon sobre a mesa para meter no peto ao beneficiario da terapia. Un grande sincretismo de elementos culturais chamánicos, orientais e das tradicións esotéricas cristiás e sufís, adaptados aos parámetros da civilización consumista. A campaña publicitaria do seu libro e as aparicións medidas nos medios de comunicación na procura do xusto equilibrio para non caer no descrédito do charlatán televisivo. Jodorowsky sabe ben onde chanta o pé, e por iso que o vemos sufrindo— pero sempre coa proa á vista —a un Sánchez Dragó entusiasmado facendo ondear— coma sempre —a inmensa bandeira do seu ego, pero tamén o atopamos ofrecendo conferencias ao mundo académico (como hai uns meses invitado pola Universidade de Vigo e outras da Península, Francia e Italia), asinando exemplares nunha Feira do Libro, ou ofrecendo cursos a un prezo certamente moi discutíbel en cidades escollidas. Unha longa e continua experiencia no mundo da arte como forma de expresión e revelación activa, pois só deste xeito pode tomar o seu senso, serve de vehículo a todo o proceso, porque o acto psicomáxico bebe do acto poético e do acto teatral; difiren na dirección: o primeiro é terapia como arte, os segundos arte como terapia. É por iso que a imaxinación, materia prima da creatividade, constitúe o elemento esencial.

O taller de *Psicomaxia e creatividade* dirixido por Alejandro Jodorowsky a comezos de xuño en Barcelona estivo dividido en dúas sesións de sete horas ao longo dunha fin de semana e orientado, polo menos inicialmente, a desenvolver técnicas de estimulación da creatividade co obxectivo de traballar o que é, como xa dixeran, a base da psicomaxia. Método. Sen embargo, tal vez pola expectativa maioritaria dos participantes, que demandaban a cada momento a exhibición psicomáxica— a consulta médica, a aspirina para a súa dor, a curación anelada—o rumbo foi virando e o obxectivo primario extraviándose. Sería inxusto dicir que en van porque, aínda caendo nesta dinámica de consultorio público, o observador atento podía gozar de ver a teoría posta en práctica polo propio mestre e tirar moito de proveito de tal exhibición. E certamente foi espectacular, sobre todo o xeito de ver a facilidade coa que o chileno desamalloaba o nó psicolóxico de tanta xente nun tempo reducidísimo e con solucións por veces moi obvias, outras máis complexas, pero imaxino (isto terano que confirmar os mesmos implicados) que sempre efectivas. Na base de todos os conflitos a eterna dicotomía entre o home e a sociedade, o *ser* e o *ter que ser*, e xa que logo a familia, como unidade base desta estrutura social. Psicoxenealoxía.

En calquera caso o ambiente de traballo, malia a aparente disparidade dos asistentes, foi moi propicio dende o comezo, pois axiña se creou unha atmosfera relaxada e receptiva onde, a medida que avanzaba a sesión, agromaban en cada individuo emocións intensas procedentes do máis fondo de seu, superando así escepticismos esporádicos e lóxicos, por outra banda, perante un posicionamento novo de cara á percepción do noso mundo.

Inútil considerar un evento destas características como unha formación sequera mínima para exercer a disciplina psicomáxica; entre outras cousas

porque esta supón o coñecemento adquirido ao longo dunha vida e o método desenvolvido por un individuo determinado e de singularidades marcadas. Pódese porén, en mans expertas, recoller o froito deste saber e axeitalo a contextos determinados, como de feito xa o están a facer terapeutas do eido da psiquiatría e a psicología. Mais en calquera caso a asistencia e implicación no taller non deixa de ser unha porta que se abre, por pequena que sexa (dependendo da disposición de cadaquén), na interpretación que facemos dese poliedro infinito que é a realidade.

FONTES DE INTERESE:

A. JODOROWSKY, *La danza de la realidad*, Ed. Siruela, Madrid 2001

A. JODOROWSKY, *Psicomagia*, Ed. Siruela, Madrid 2004

FDO. SÁNCHEZ DRAGÓ, entrevista a Alejandro Jodorowsky no programa *Negro sobre blanco* de TVE 2, emitida en dúas partes o 10 e 17 de maio de 2004

– <http://www.trigrama.org>

– <http://www.clubcultura.com/>

[clubliteratura/clubescritores/jodorowsky](http://clubliteratura.clubescritores/jodorowsky)



Fotografía para cegos

Nesta páxina. Antía Queiruga.

Na páxina seguinte. Arriba esquerda: Antía Queiruga; abaixo esquerda: Gabi Príncipe; as outras dúas: Castrexo





180°

360/2_{PT1}



180°

360/2^{PT2}



Antía Queiruga

Gabi Principe



Fotografía para xordos



Goodbye mass en pleno concerto na cuberta de Leganés cun atípicamente sereo Luis Boullosa á batería. Tema: Sabor salado

Luana Fischer

Nomes de bandas que algún día rexurdirán

—**Porcos Celtas:** Este é o nome da big band dos novos Pogues, os herdeiros arraianos de Shane McGowan. Han nacer en pouco tempo, liderados por Luis Boullosa o Enfeitizado. Paciencia.

—**Cagarrizas estivais:** Poderá estar formado só por estriñidos.

—**Sómolotodo:** Cultivadores de música étnica de carácter tribal mais algo lolailos en esencia.

—**Puticlube dos Poetas Porretas:** Tres auténticos lobotómicos portiquianos (do Pórtico ás catro da tarde con Chemical Brothers). Barallámolo para a sección de poesía pero era pouco serio.

—**Nobleza Rural Arruinada:** Ben se entende por si só.

—**Hienas de Santa Teresa:** Non o explica nin Deus, só Doc-Bou o Colaborador.

—**Martian Law:** Lei Marciana a secas.

—**The Heysel Boys:** Fillos todos eles de Sam Peckimpah,

rubiños, branquiños e con chapeu de portugués no birimbao.

—**Soul Korps:** No comment.

—**Lázaro y los Zombis:** Un dos mellores, para min.

—**Working Elite Voice:** Tres nenas con funda azul aberta até o entrecrico.

—**The Gang-Bang Theory:** Ai jasús dios mío querido. Non hai pan coma o do Adán.

—**Black Kiss at Dawn:** Isto mellor non o traducimos. Bico negro ó alborexar.

—**La Noche de los Generales:** Fachas de seguro.

—**Bastardo Imperial:** Hai uns cantos por eiquí.

—**Sperm Grafitti:** Sen traducción necesaria nin suficiente. Soa ben.

—**Glasgow Smile:** Sorriso de Glasgow.

—**Baixo o Bosque Lácteo:** Profanación. Dylan Thomas non era un cantante.

Menú-do-día arraiano



P régolle a quen teña os santísimos collóns de dirixir esta revista que teña a ben tomar esta modesta receita de cociña como unha mostra do meu apoio e colaboración á cultura gastronómica arraiana e ó proxecto arraiano en xeral; e que a máis poderá servir de guía para os nosos cultos e culinarios lectores que, de véspera (moi importante), queiran cociñar como primeiro prato e boa acción para os padales e bandullos da súa agradecida familia unha obra mestra para abrir o xantar, sempre abundante, que nos caracteriza como un pobo a medio facer, que pasou fame non hai moito tempo. Aíndan que isto vos sonará a diccionario de chinés-etrusco. Pailáns...

A nosa senhora Ixí

Receita do caldo verde (raia) galego-portugués

Para a bo cabo (verde) deste proceso alquímico de cociña arraiana precisaredes poñer en auga de véspera:

—*Unha cunca ou cunquiña (dependendo da familia ou da fame ou da propia ideoloxía) de pequenas fabas secas das brancas.*

—*Unha fatea de unto non moi grosa.*

—*Óso de xamón con algo de carne “pegada” (non sexades cotrosos), ou un anaco de lacón ou un chisco de toucinho.*

E tamén vos cumprirá:

—*Un óso de tenreira (imprescindible que sexa de Vaca Cachena Arraiana VCA, a única que sube polas penedas coma as cabras, coa súa cornamenta imponente e o seu cuíño de baixo perfil dourado).*

—*Patacas da Limia non tratadas con fast caralladas.*

—*Berza galega ou nabiza da terra.*

—*Alquimia pura e dura.*

No día de cociñar líbrase a auga do remollo e ponse unha auga nova case até encher o pote, que terá dentro as fabas, o unto e mailo óso de xamón, que ficarán agradando a que comece a fervedeira. Cando rache a ferver a festa gastronómica, introdúcese delicadamente o óso de cachena na auga; co brazo esquerdo se sodes de esquerdas e metendo o brazo dereito até o cóbado se decides ser apolíticos. Á media hora de estar a cocer quítase o unto coa escumadeira ou coa mau ó fondo do pote, segundo merezades. Os demais elementos deixaranse ferver unha hora e media máis a lume de rachelina húmida para non consumirmos a auguiña. Ai, Dios mío Jasús, como está collendo retranca que semella estar a rir...a

Engádenselle logo as patacas enteiras, que cocerán até que teñan abrandado un algo. Entón apártanse todos os ósos para unha berza mollada escintilante e cortada coa unlla dun xabarín. Coa batidora ou cun muíño de manivela ou cos dentes mesmo, móense as patacas até que fique un caldinho espeso very o'clock, no ponto, non de máis, esaxerados. Tamén somos un pobo de badaiocos esaxerados e inútiles.

As berzas (estas pouquiñas) ou as nabizas (aque-loutradas) estarán xa lavadas, escollidas e picadas con rigor beneditino. Nese amado país chamado Portugal, por tras dos montes polos que nunca imos, véndense unhas maquiñas para cortar que as deixan coma fíos de espagueti verde. Bótanse ó pote e deixanse cocer uns quince minutos, de reloxo de area, co pote a teito descuberto e unha man no peto e outra no pote.

Probar ou deixar probar (sen agredir) e corrixir de sal. Non vos dixen nada do sal até agora porque coidaba que tiñades UN MÍNIMO DE SENTIDIÑO COMÚN, ineptos.

O verdadeiro, o auténtico, o xenuino caldo verde do lonxano oeste ourensano (raia galego-portugalizada, moita raia de dios) deberá ir servido en cunca de barro e levar por riba un chisco de óleo de oliva. Se ten viño verde na casa pode un marchar a pé até o Castro Laboreiro sen deixar de voar á mesma altura da fartura do verde que Miguel Torga.

TERRAZA
AGARIMO



PRAZA MAIOR, Nº4
TLF. 988 451 673

CELANOVA

Café
goya

PRAZA MAIOR, 15 / TLF. 988 431 517 / CELANOVA

 **almacenes TODO**

MATERIALES DE CONSTRUCCION
FERRETERIA - AZULEJOS Y GRES - SANITARIOS - PREFABRICADOS

Emilio Lopez Diaz y otros SA

Oficina y exposición:
Castor Elcano, 29 - Telf. 988 45 10 85
Fax 988 43 18 43

Almacén-Prefabricados:
Ctra. de Ourense - Telf. 988 43 12 90

CELANOVA

PORTICO



CELSE EMILIO FERREIRO 10 CELANOVA OURENSE

O Fiadeiro

BAR DE COPAS

PRAZA DO MILLO, 5 TLF. 667 749 447 CELANOVA

Bar - Merendero



O Aluíño

Telf. 988 43 14 33

O RIBEIRO - CELANOVA

O QUE FALTABA

RÚA DA BOTICA

CELANOVA

Plaza
café-bar

PRAZA MAIOR 12 / TF. 988 43 15 85 / CELANOVA

XARDÍN

BAIUCA

PRAZA DO MILHO / CELANOVA

